

VOTO NA TURMA

A candidatura de grupos políticos para o exercício de mandato coletivo é a novidade que chega a Santos, na eleição deste ano. A promessa é de maior participação popular na Câmara. Pág. 4

NO CLICK do obturador com olhar no ângulo e foco no cenário da Zona Noroeste não conhecida por muitos. Pág. 21



ANDRÉ DA SILVA SOUZA

Acabou a espera! Obras da Lagoa da Saudade no Morro da Nova Cintra devem ser entregues em outubro, segundo previsão da prefeitura. Pág. 20

ECONOMIA

SEM PALCO SEM GRANA

A Lei Aldir Blanc de incentivo à cultura foi sancionada, mas ainda não distribuiu os recursos. Dos R\$ 3 bi prometidos para todo o País, são esperados R\$ 14 milhões para aliviar os artistas da região. Pág. 7

FICHAS NO VERÃO

Profissionais de Turismo apostam alto que a temporada de Verão ajudará o setor a se recuperar das perdas durante a quarentena. Pág. 5

POLÍTICA

IMPACTO NA LEITURA

Pág. 3



Pelo amor de Deus

Um traço de religiosidade arraigada na cultura brasileira, a invocação está na boca do povo por qualquer razão, o tempo todo. É dita e pronto, seja lá qual for o seu significado verdadeiro. Pág. 15

TRABALHO

VIVA O MUNDO LIVE

O distanciamento social gerou o contato virtual. Um novo segmento em entretenimento e informação ganhou espaço e a confiança do público e está somente decolando: as lives. Pág. 13

ESPORTES

CABO DE GUERRA

O futebol é um produto com regras para ser consumido. Com o público distante dos estádios, a mudança no direito de transmissão dos jogos provoca tumulto entre clubes e emissoras. Pág. 17

DA VILA MATHIAS PARA AS OLIMPIADAS 2021

Pág. 16

UM RITUAL QUEBRADO

Uma reportagem-discurso sobre tantas faltas - falta de abraço, de estar junto, de experiências não vividas, recorda que a formatura de todos os estudantes de 2020 será um marco de formação para a vida.. Pág. 9

EDITORIAL

NO OLHO
DO FURACÃO

Após um ano conturbado e ainda cambaleando como quem se recupera de uma anestesia geral, o povo brasileiro segue firme seu dilema de não desistir nunca. Principalmente, aqueles que estão na linha de frente dessa crise sanitária e democrática. O ano de 2020 ainda traz desafios, mudou nosso jeito de comunicar, trabalhar, estudar e nos relacionar. São adaptações que já fazem parte do cotidiano. Contudo, também pudemos usar o tempo recluso para refletir sobre os acontecimentos a nossa volta. O nosso papel na sociedade e na vida do outro.

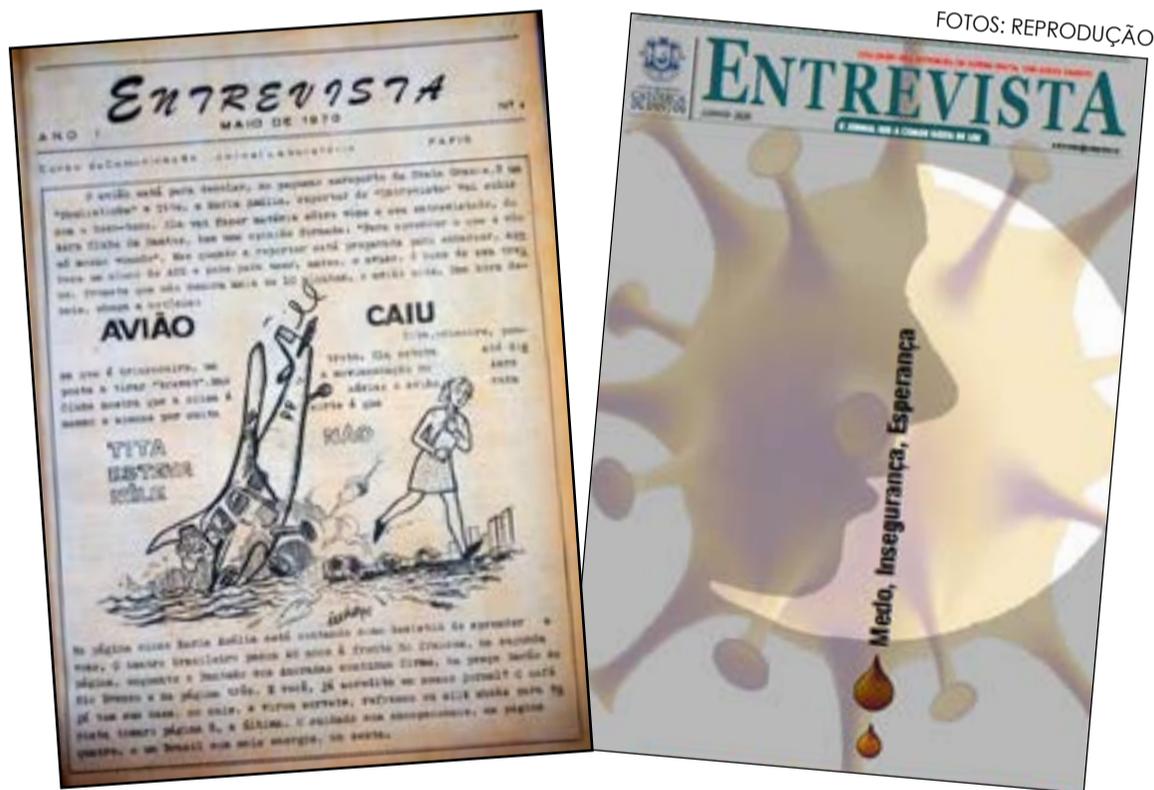
Este é um momento que exige mais perseverança, solidariedade, e união para o enfrentamento dos desafios adiante, visto que ainda resta um tempo até o fim desse período enfermo. Sendo assim, é necessário

que cada um se responsabilize em fazer sua parte, e pelo coletivo. Mesmo com tantas incertezas, medos e perdas, é fundamental acreditar que dias melhores virão, é dessa fonte que vem nossa força.

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman, declarou que “nós somos responsáveis pelo outro, estando atentos a isto ou não, desejando ou não, torcendo positivamente ou indo contra, pela simples razão de que, em nosso mundo globalizado, tudo o que fazemos (ou deixamos de fazer) tem impacto na vida de todo mundo e tudo o que as pessoas fazem (ou se privam de fazer) acaba afetando nossas vidas”.

Nessa edição do Entrevista, a turma de Jornalismo da Universidade Católica de Santos, superou as expectativas de produção, dentro de um ano adverso, atípico e de muitos contratemplos. Com intensa reciprocidade e disposição para o auxílio e compreensão das necessidades de cada colega. Desse modo, juntos, na corrida pela conquista do diploma mais emblemático. O discernimento para observar, compreender e absorver se tornou imprescindível, mas só podemos concretizar esse ideal se estivermos unidos. ◆

NOTA DA REDAÇÃO



PRIMEIRA edição em 1970 e a edição eletrônica em 2020

Nesses 50 anos de existência do jornal ENTREVISTA, estivemos presentes nos principais acontecimentos da nossa região. Nossos ‘repórteres estudantes’ assumiram com ética o trabalho de promoção da cidadania. Hoje, com o isolamento social e a pandemia, nos reinventamos e prosseguimos o nosso trabalho de forma remota. As entre-

vistas presenciais deram vez ao contato online ampliando a dificuldade em obter fotos e ilustrações. Um grande desafio que nos faz acreditar, ainda mais, no poder do jornal impresso, mesmo que temporariamente distribuído em suporte digital. Por esse motivo, continuamos nossa missão de informar para formar vidas. ◆

etc.....

A procrastinação é uma realidade

A cultura de deixar tarefas para depois não vem de hoje. A procrastinação é o atraso intencional frequente no começo ou no fim de uma tarefa que causa desconforto, como ansiedade ou arrependimento.

Antes da quarentena, a visão de mundo predominante exigia manter-se uma rotina automática incluindo trabalho, estudos e lazer. A mudança obrigou a adaptação a uma outra realidade. Essa transição causou uma dificuldade na adequação ao novo status social, provocando o adiamento na realização de tarefas cotidianas e de projetos.

A psicóloga Jaqueline Santos, mestre em psicologia emocional, afirma que há diferentes tipos de procrastinadores. Há aqueles que procrastinam por pura ansiedade e esses precisam de uma ajuda profissional se não conseguirem livrar-se sozinhos do marasmo. E outros que passam apenas por uma baixa vibração como desbalançamento em relacionamento ou no emprego. É necessário criar uma rotina nova para balancear as tarefas, explica. **(Mariana Romano)**

Volta ao trabalho causa apreensão

O fato de ser do grupo de risco é algo que pode acabar sendo mais preocupante pela tensão que um trabalho presencial exige. Este é o caso do engenheiro, Wagner José da Silva, de 54 anos, que sofre com a alta da pressão arterial. “Não me sinto muito confortável com a situação e estou em permanente estado de atenção, o que causa um maior desgaste e cansaço.”

Mesmo mantendo os protocolos de segurança, ele afirma que está sendo desafiador ter que trabalhar presencialmente. Além de aumentar as chances de contrair o vírus, há o receio de disseminar a doença entre os demais membros da família. “Temos que agir com muita responsabilidade não só por nós, mas pelas demais pessoas que nos cercam”, completou. **(Ricardo Piloto)**

Jovens também se preocupam

O retorno ao trabalho também aflige os mais jovens. O estudante Raphael Alcântara Sibinel, de 20 anos, é estagiário na Universidade Estadual de Londrina teme contrair o vírus por conta de sua tarefas, que envolvem contato com pessoas no decorrer do dia. “Eu sinto medo. Até porque no meu trabalho, eu tenho contato com muita gente, durante o dia todo”.

A prevenção faz parte de seu dia. Ressalta que o ponto positivo de ter que voltar a trabalhar presencialmente é algo relativo. “O primo do meu cunhado pegou, eu mesmo tive suspeita e um atleta amigo nosso foi diagnosticado positivo estes dias, então não é fácil”. E completou: “É bem complicado”. **(Ricardo Piloto)**

População de rua diminui em SV

A cidade de São Vicente diminuiu o número de pessoas em situação de rua, apontando em setembro 115 pessoas. No início da quarentena, em março de 2020, a Secretaria de Assistência Social contabilizou 187 pessoas nas ruas do município.

Durante esses meses de isolamento e quarentena, foi realizado um trabalho de enfrentamento. Foram distribuídos kits de higiene pessoal para todos e oferecida oportunidade de ir para o acolhimento. **(Thainara Macedo de Jesus)** ◆



ENTREVISTA Jornal Laboratorial do Curso de Jornalismo do Centro de Ciências da Educação e Comunicação da Universidade Católica de Santos - UniSantos

As opiniões aqui emitidas são de responsabilidade de seus autores

Diretor do Centro de Ciências da Educação e Comunicação/ Coordenador do Curso de Jornalismo:

Prof. Me. Paulo Roberto Bornsen (Mtb. 22.201)

Professores orientadores:

Textos: Marcelo Di Renzo (Mtb. 11.008) e Tereza Cristina Tesser (Mtb. 15.379)

Diagramação: José Reis Filho (Mtb 12.357)

Editorial: Yarmila Muniz

Redação: Avenida Conselheiro Nébias, 300 - Vila Mathias, Santos - SP - CEP: 11015-002. - E-mail: agencia.jor@unisantos.br

Edição online por causa da pandemia



Mercado LITERÁRIO em risco

Leticia Gomes

O mercado de livros, que sofre crise há uma década, foi enfraquecido com a pandemia e é ameaçado agora pelo possível retorno de taxaço do governo federal. A proposta de reforma tributária, que permanece em análise, prevê o fim da isenção e cria imposto de 12% de contribuição para livros. Caso aprovada, a medida trará consequências para o mercado, e o impacto na região pode ser grande, considerando que o número de livrarias é baixo.

Ao todo, a Baixada Santista tem um total de seis livrarias - todas concentradas em uma única cidade, Santos. Moradores da região que precisam comprar um livro devem se deslocar até o município ou comprar pela internet. A possível taxaço arriscaria o futuro das livrarias, porque o valor mais alto teria impacto no número de vendas.

Mesmo em análise no Congresso, a proposta assusta profissionais do mercado literário. Segundo o presidente da Câmara Brasileira de Livros, Victor Tavares, a preocupação acontece porque o mercado já está sensibilizado, considerando que o rendimento de livrarias caiu em até 70% durante a pandemia.

"A situação não é fácil ainda mais em um país que o índice de leitura é um dos mais baixos do mundo. A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil mostra que as pessoas leem 2 livros a 2,5 por ano", explica Tavares. Ele reitera que, se a taxa voltar, isso influenciará no preço final do produto, e poderá ter grandes consequências para o setor. Se a adesão a leitura já é baixa, com preços mais altos será ainda mais difícil conseguir um

REFORMA tributária prevê o fim da isenção social e cria imposto para livros pode trazer consequências para o setor e prejudicar livrarias

novo público, e isso traria impactos para escritores, editoras e livrarias.

"Atinge todo o setor, desde o autor. Já estávamos passando por uma queda na produção e das vendas após a crise econômica. Isso tudo interfere no mercado. As empresas ficam mais reticentes em investir e isso diminui o nível de emprego", diz o presidente da Câmara. Como exemplo, ele cita o fechamento de grandes livrarias, como a Cultura e a Saraiva - que teve uma franquía fechada na cidade de Santos por conta da crise econômica.

Enquanto o projeto ainda não é votado, a Câmara faz campanhas para ajudar pequenas livrarias, e chegou a depositar R\$ 5.000 para as empresas que se cadastraram, como explica Tavares. O presidente ainda avalia que regiões como a Baixada Santista precisariam ter mais livrarias, e reitera que é necessário locais com profissionais livreiros, que indiquem e tenham contato com o público. "Tem que ser mais que um comerciante, tem que prestar trabalho à comunidade. Tem que voltar a ter a experiência de frequentar a livraria". E afirma que a população deve incentivar a livraria do bairro, da cidade", completa.

Indicar livros e ter contato com a comunidade literária que frequenta o estabelecimento é o trabalho do livreiro José Luiz Tahan dono da Realejo Livros, que está há 31 anos no mercado. A livraria localizada no bairro Gonzaga também foi atingida pela pandemia, e o profissional decidiu continuar o trabalho com indicações pelas redes sociais, conquistando novos consumidores.

O livreiro conta que, no início da pandemia, fechou as portas e manteve os funcionários em casa, com o salário integral.

CASO aprovada, proposta trará dificuldades à editoras e livrarias, já que o preço do livro pode aumentar



SOMENTE **17,7%** das cidades brasileiras têm livrarias

Proposta tributária para livros cria imposto de **12%**

2-2,5 é a média de livros lidos por pessoa no Brasil

89% preferem livros físicos

Ele ia para a livraria e, fazendo divulgação por meio da internet, fechava encomendas e entregava pessoalmente na casa dos clientes. "Achei caminhos de comunicação que nunca havia feito. A pandemia me trouxe fortalecimento", descreve.

O momento de dificuldade fez com que ele abrisse um clube de assinaturas de livros, em que o assinante recebe mensalmente um box com um livro surpresa escolhido por ele. Ele diz que, mesmo com dificuldades, os leitores mantêm o mercado funcionando. "Montar livraria é caro, o retorno é muito lento. Mas tem um campo enorme para de crescer e o setor editorial é saudável no Brasil, porque quem lê acaba mantendo esse mercado".

Para Tahan, o risco do retorno da taxaço, que era isenta desde 2004, seria prejudicial para todos. "A gente não sabe se realmente vai acontecer. Se isso virar verdade é uma tragédia, porque o país é extremamente frágil nesse sentido. Colocar obstáculo ao conhecimento, é manter o país mais ignorante possível", descreve o livreiro.

Ele cita a pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) que mostra que apenas 17,7% das cidades brasileiras tem livrarias. "Taxar o livro é um passo rumo à ignorância", finaliza.

PESQUISA

A dificuldade em encontrar livros na Baixada Santista foi confirmada em uma enquete feita pela reportagem. Ao todo, 100 leitores da região responderam perguntas relacionadas à dificuldade de encontrar livros, a preferência de exemplares físicos ou digitais e se o hábito de frequentar livrarias permanece.

Por meio de um formulário respondido pela internet, 77,6% dos entrevistados disseram que já sentiram dificuldade de encontrar livros na região por conta da pouca quantidade de livrarias nas cidades. Apesar disso, 47% ainda frequenta livrarias físicas, enquanto 41% fazem compras online e outros 12% buscam outras formas para consumir os livros.

Dentre os motivos que impedem os leitores de comprar exemplares em livrarias, as principais respostas são relacionadas ao preço do produto e a dificuldade de encontrar o exemplar que tem interesse. Alguns citam que o preço do livro os fazem preferir a versão digital.

Apesar disso, a maioria dos entrevistados ainda opta pela versão física: 89% disseram que preferem o exemplar físico enquanto apenas 11% buscam o digital. ◆

Yarmila Muniz

Devido ao cenário de falta de confiança na política e da pouca participação da população nas tomadas de decisão do governo, os mandatos coletivos surgem com a ideia de garantir maior representatividade aos eleitores. O candidato não concorre sozinho: forma um grupo de pessoas interessadas em pautas sociais e em trabalhar pelas comunidades mais carentes e invisíveis. Esse modelo de mandato, ainda não formalizado na legislação, está crescendo e na Baixada Santista, diversos coletivos disputarão pela primeira vez, o voto para o cargo de vereador.

O mandato coletivo é aquele em que se decide tudo em grupo, de acordo com a assessora dos movimentos sociais da Baixada Santista, Cidinha Santos, e membra do Coletivo Feminista Classista Maria Vai Com As Outras, que apoia as pautas antirracista, anticapitalista, lgbtq+ e ecossocialista, presentes nas ações da cidade, e na organização das mulheres. Foram convencidas de que era importante terem esse espaço na esfera política.

Para começar um mandato coletivo é preciso entender o que é atuar coletivamente, Cidinha, comenta que se espelha em vários mandatos espalhados pelo Brasil, como na Assembléia Legislativa em São Paulo. “Todas as ações que forem desenvolvidas, precisam ter acordo entre as pré-candidatas e o grupo de apoio, e a coisa mais importante é que o mandato não atua só em uma frente, enquanto uma pessoa estiver em uma discussão de pauta, as outras podem cobrir outras demandas”.

Os mandatos nem sempre surgem dos locais periféricos, porém, os grupos da periferia, principalmente o povo negro, não tem espaço de atuação, não são ouvidos e não participam. “Então, o mandato do Coletivo Feminista Classista, pretende abrir espaço, a gente quer uma cidade para todo mundo. Não uma cidade só para a elite, só para as pessoas que moram na orla da praia, e que moram nos bairros já atendidos e urbanizados, onde não há grandes problemas a serem resolvidos, pois quem mora na periferia é quem mais sofre no cotidiano”, diz a assessora.

A novidade de um mandato coletivo é a maior participação. Embora tenha uma pessoa que será oficialmente a vereadora, como no caso do Coletivo Feminista Classista Maria Vai com as Outras. Todas as pré-candidatas vão decidir juntas, e esse é o desafio. “Sempre que mais pessoas decidem sobre alguma coisa, a chance de acertar é maior. A responsabilidade não recai apenas sobre a candidata oficial



FOTOS: ARQUIVO PESSOAL

Mas na prática, só existe um candidato “oficial” registrado que será o Danilo Alves e é a foto dele que aparecerá nas urnas. “A diferença é que ele se identificará como “mandato coletivo” pois ainda não existe lei dê opção dos quatro assumirem o posto. Por isso, na pré-campanha, tem que afirmar e orientar os eleitores de como será o mandato”, afirma a pedagoga.

O mandato coletivo quer escutar

o povo e fazê-los com que cada vez mais pessoas entenda e atue na política. “Quem mais saberá falar sobre uma comunidade senão os próprios moradores?”, indaga, Mariana. “Os movimentos sociais têm correlação ao mandato coletivo pois, cada um deles são compostos por várias pessoas. E dessa forma, muitos mandatos coletivos surgem através desses movimentos”.

É algo democrático, consequentemente não existe uma disputa e sim discussões para tomada de decisões. “O nosso candidato foi eleito através do voto democrático em uma de nossas reuniões. Nós anulamos a ideia de “velho modo” para um “novo modo” e a inovação acontece a partir do momento em que o legislador atua horizontalmente, sempre disposto a ouvir à população”, finaliza Mariana.

Victor Mehl, arquiteto, não acredita que uma candidatura coletiva ajudaria a sanar os problemas da sociedade pois há muito tempo se decepciona com a política. “Uma pessoa nunca está sozinha quando se elege e desse modo não seria diferente.” Ele ainda não tem um candidato para a prefeitura de Santos, mas espera que o próximo seja honesto.

Para Willian Silva, comerciante, a candidatura coletiva é uma novidade. “Na minha opinião uma pessoa só seria o ideal, porque hoje em dia as pessoas querem derrubar a outra.” O comerciante ainda não escolheu seu candidato mas gostaria que o eleito resolvesse o problema das enchentes.

Segundo o levantamento da Rede de Ação Política pela Sustentabilidade (RAPS), “não existe, ainda, um modelo consolidado de mandato coletivo ou compartilhado. O que se observa, nacional e internacionalmente, é um experimentalismo difuso, baseado na tentativa e no erro, no aprendizado proveniente de sucessos e insucessos nos vários formatos já adotados. Essa falta de modelo consolidado pode ser vista como uma grande oportunidade, permitindo liberdade de criação ou de adaptação a necessidades específicas de uma candidatura.”

CANDIDATURA COLETIVA

é a nova aposta para eleições

UM OUTRO jeito de fazer política: em grupo

a assumir a câmara, e sim, pode ser dividida com o grupo de apoio”, segundo Cidinha Santos. “Os mandatos viraram moda de alguma forma, mas não adianta ter um discurso programado se não prática não se sabe como viabilizar aquela proposta.”

Para Dida Dias, que também compõe o Coletivo Feminista Classista Maria Vai Com As Outras, o mandato coletivo é um projeto de ocupação da política, combatendo o individualismo. Uma espécie de representação mais horizontal, plural. Com o objetivo de construir um mandato protagonizado por várias vozes de grupos sociais historicamente excluídos da sociedade.

“Os movimentos sociais e a periferia, tem uma experiência maior de organização coletiva das lutas, das reivindicações. Por isso que essas propostas acabam saindo desses grupos: negros, ambientalistas, mulheres, lgbtq+, de ativistas”, explica Dida. Quem se elege são todas as pessoas do coletivo, apenas uma pessoa empresta o nome e o cpf, por falta de legislação. E um dos obstáculos é lidar com a disputa que já fruto da sociedade.

Dida fala que, esse pode ser um novo modo de fazer política legislativa, porque a política no sentido mais geral, no movimento social, de forma coletiva, já é velha. Agora, de ter um cargo legislativo, realmente, é um modo aparentemente novo. “Já existiram experiências de mandatos que não são com esse nome, mas o mandato, por exemplo de parlamentar, seja de vereador e

vereadora, deputado e deputada, é uma forma mais coletiva. Várias pessoas são convidadas a participar. Existe uma reflexão, uma construção coletiva da equipe de assessoria. É fundamental que a sociedade atue politicamente, pesquise os partidos e as práticas dos eleitos e eleitas.”

Em resumo, “a proposta de um mandato coletivo é aquele da qual a figura do parlamentar clássico, abre mão de sua autonomia política para deliberar junto com um grupo”, diz Danilo Alves, professor e integrante do coletivo Santos Progressista.

O pré-candidato comenta que sua primeira experiência foi em 1994, através de um deputado petista de Minas Gerais, chamado Durval ngelo. No caso do coletivo Santos Progressista, a ideia começou no final do ano passado, em conversas com os amigos, e com o passar do tempo foi se concretizando.

Do ponto de vista legal, formal, a justiça não compreende

de um mandato coletivo, como coletivo, ressalta. “Na verdade, esse arranjo parlamentar é uma construção política. Não existe uma única fórmula de um mandato. E não é um fenômeno que se restringe à esquerda e aos movimentos sociais. Algo que é um diferencial no mandato coletivo, é a possibilidade de muitas discussões qualificadas, críticas e profundas da cidade, uma vez que se tem pessoas de áreas diferentes.”

Quando se fala em velha ou nova política, Danilo acredita que esse seja um discurso de criminalização da prática pra atender os interesses de um grupo. E que não há nada mais político do que sua negação. “os mandatos coletivos vão fazer parte, cada vez mais, do cenário brasileiro.”

“O mandato coletivo também é quando o povo vira protagonista junto com o legislador. Num mandato tradicional o legislador tem a liberdade de votar de acordo com seu interesse, já no mandato coletivo o legislador consulta às pessoas antes de tomar decisões”, segundo a pedagoga e membra do Coletivo Santos Progressista, Mariana Dias. “A ideia surgiu numa conversa entre algumas pessoas que estão no nosso grupo. Conforme o tempo foi passando, o nosso grupo foi crescendo cada vez mais. Eu por exemplo, entrei um mês depois da criação do coletivo. Fui convidada pela Elaine Vidal. Hoje somos um grupo de quase 200 companheiros.”

São quatro pré candidatos: Mariana Dias, Cristina Biz, Julinho Bittencourt e o Danilo Alves.

“O mandato coletivo também é quando o povo vira protagonista junto com o legislador.”

Mariana Dias
Pedagoga

Natá Cajaíba

O mercado do turismo nacional foi muito afetado pela pandemia do corona vírus, e a Baixada Santista não passou ilesa nesse processo. Profissionais da região se viram obrigados a fechar suas praias e comércios e agora enfrentam os desafios da retomada das atividades, na espera de um aumento no movimento no fim de ano. De acordo com a Confederação Nacional de Comércio, Serviços, Bens e Turismo (CNC), o ramo acumulou perdas de R\$ 87,7 bilhões apenas nos três primeiros meses de pandemia em todo país.

Entretanto, com o afrouxamento das regras pelos governantes, segundo dados divulgados pelo Centro de Inteligência e Economia do Turismo (CIET), as cidades do litoral de São Paulo devem fechar o ano com cerca de 6 milhões de turistas perca de 2 milhões quando comparado aos 8 milhões de 2019, porém ainda será responsável por 20,1% do movimento total do estado.

O Presidente da Associação dos Profissionais do Turismo da Baixada Santista (APT), Eduardo Silveira, afirma que a pandemia impactou o setor de uma maneira muito forte, "Nós tivemos que de um dia pro outro fechar todos os hotéis. Os turistas em viagem tiveram que voltar com urgência". Ele ressalta que o segmento de turismo possui cerca de 30 atividades econômicas ligadas à indústria, e os setores de eventos e de entretenimento afetaram o turismo de forma direta com o cancelamento de suas atividades.

Com a flexibilização da quarentena os profissionais de turismo apostam suas fichas na temporada de final de ano "A tendência indica que a retomada será gradual, até mesmo porque, em primeiro lugar precisamos pensar na segurança das pessoas. Mas as expectativas com relação ao fim do ano são extremamente otimistas" relata Silveira

O representante da APT também explica que a situação do corona vírus serviu para reforçar e destacar a importância do profissional do turismo, que foi o primeiro a fazer contato e cuidar dos turistas, "Dizemos que dentro do "novo turismo" no pós pandemia o "novo profissional do turismo" é sem dúvida o que estiver mais preparado para ser o consultor de seus clientes".

A retomada do turismo na Região Metropolitana da Baixada Santista vem cumprindo as regras e normas estabelecidas no Plano

Turismo aposta NO VERÃO

VIRADA DO ANO é a esperança dos empresários para a recuperação do setor



ARQUIVO PESSOAL

EDUARDO Silveira,
presidente da APT da
Baixada Santista

São Paulo criado pelo Governo do Estado de SP, "Atualmente, na fase que estamos os hotéis já podem trabalhar com uma ocupação reduzida de 60% dos seus leitos. E essa regra vem sendo acatada por todos os equipamentos e setores de turismo" relata o presidente.

Na visão de Eduardo Silveira devido ao medo que muitos viajantes ainda tem de sair pra longe há uma busca por destinos mais próximos de onde o turista mora, "Podemos dizer que as viagens de curta duração e distancia são as mais procuradas.

Entendemos que as pessoas querem se certificar que ficarão num local que segue as recomendações de prevenção ao Covid-19".

MERCADO IMOBILIÁRIO

Mesmo com previsão de que a Baixada Santista seja o principal chamariz para os turistas em 2020 no estado de São Paulo, a queda no mercado imobiliário no que diz respeito à locação ainda é grande. De acordo com a corretora de imóveis e dona da imobiliária Brasileira Imóveis em Praia Grande, Heloísa Furtado, a temporada de fim de ano é uma interrogação. "Realmente não sabemos, pois está sendo um ano diferente. Tudo começou a ser liberado agora, mas talvez possa ocorrer um retrocesso".

Ainda que a disponibilidade de imóveis nessa parte do ano seja mais fraca, visto que tudo ficou suspenso devido a pandemia, a expectativa é de que a situação melhore no final do ano explica a corretora, "As pessoas que agora já estariam procurando imóvel pro final do ano, ainda não começaram a pesquisar, por conta de não saber se será possível vir. Mas estamos esperando um aumento da procura no fim de ano".

Segundo Heloísa, muitos síndicos de prédios barraram a locação, e no período que antecede a julho, a procura praticamente zerou, tendo voltado nos últimos dois meses com a flexibilização da quarentena. "Nós nunca tínhamos passado por isso, não dá pra prever. O regulamento dos prédios proibiu muita coisa. Agora que começou a ser permitido vir à cidade e à praia" finaliza.

LIDANDO COM A PREVENÇÃO

De acordo com o síndico profissional, Wagner Natal, que atualmente gerencia o condomínio residencial Olimpo, em Praia Grande, a frequência de turistas no prédio é maior em feriados prolongados e fins de semana, e as regras do condomínio seguem fielmente às ditas pelo governo, principalmente o municipal. Mesmo assim, alguns moradores relutam o uso de máscara e o cumprimento de algumas normas do prédio. Ainda segundo o profissional, grande parte dos turistas que alugam apartamentos no edifício desconhecem as regras e regulamentos, e acabam os desrespeitando: "Às vezes é de forma consciente, pois sempre estamos reafirmando as normas. Principalmente em questão de transitar molhado pelo prédio e uso de áreas comuns."

Ele reforça que o uso de máscara ainda é obrigatório no condomínio, contendo avisos em diversas partes do prédio, principalmente nos elevadores e corredores, e o álcool-gel também fica disponível para os moradores, além de outras regras que ainda estão em vigor e muitas vezes são ignoradas pelos turistas. "Nem todos tem essa conscientização de respeitar as regras. Boa parte acaba descumprindo pois não possuem um vínculo com o condomínio e ignoram. Como o turista é transitório, ele não tem muita responsabilidade na questão de obediência", completa.

Sobre a lotação permitida por apartamento, Wagner explica que, por se tratar de um item que já consta na convenção e regulamento interno do prédio, o locador tem como obrigação alertar o locatário em relação a isso. "A portaria tem que estar ciente e pedir cópia do contrato onde precisa constar o nome de cada pessoa que irá se instalar, e por quanto tempo. Sob pena dele ser advertido e multado", conclui.

Em casos de desobediência dos inquilinos residentes no condomínio, o condômino será advertido que o locatário dele está desrespeitando as normas do prédio, e caso o problema persista, ele será multado: "Dependendo da gravidade há um fator de multiplicação, e a multa pode chegar a ter seu valor elevado a dez vezes". ♦



As pessoas que agora já estariam procurando imóvel pro final do ano, ainda não começaram a pesquisar, por conta de não saber se será possível vir."

Helóisa Furtado
corretora de Imóveis

Mudar para SOBREVIVER

NO SETOR de restaurantes e bares de Santos, empresários trocam de ramo

Giovana Gozzi

Alguns estabelecimentos decidiram fechar, demitindo seus funcionários, outros repensaram suas atividades, negócios, como passar a ser restaurante, delivery de bebidas, permitindo a dar continuidade das suas atividades. Qualquer local, independente do seu tamanho, tem custos e despesas fixas, que se repetem a cada mês, tendo ou não movimento econômico e financeiro, e que precisam ser pagos. O isolamento levou à redução de atividades, que foi drástica para muitos.

Alguns estabelecimentos que não eram restaurantes e abriam como casa noturna, viraram bares e happy hours. Pelo menos três empresários, da Baixada Santista, tomaram decisões radicais e mudaram de ramo.

“Um dos locais que mudou sua rotina foi o Mr. Dantas Music Bar. O proprietário Vitor Soares conseguiu se adequar à quarentena com música ao vivo, porém sem a pista de dança e com a capacidade muito reduzida. Foi necessário demitir todos os funcionários, mas como a situação está mais tranquila, “ estamos recontratando os mesmos”, diz Soares.

Outra empresa foi a Moby Dick, uma casa noturna, e eles implantaram um novo negócio em novos horários, além da balada. Mudaram o nome para que ficasse claro que nesse momento a casa teria o formato de bar restaurante. “Quando



MOBY Dick em reforma, quer voltar a promover baladas

montamos algo novo, sempre precisamos acreditar e criar a perspectiva que dará certo, sem isso nós e empresa não teríamos essência e identidade, acreditar que dará certo é a primeira página de qualquer projeto”, completa um dos sócios da casa, Alexandre Ramos.

O sócio Alexandre Ramos pretende continuar com o antigo ramo, sendo assim que for liberado pelo governo, irão voltar a trabalhar com a balada nos horários que eram trabalhados e irão manter o atual ramo, pois eles funcio-

nam em diferentes horários. Alexandre Ramos conta que eles mantiveram os funcionários, porém alguns usaram a suspensão que o governo permitiu e os outros estão atuando neste novo formato do local. “Assim que voltarmos a operar como balada, todos voltarão ao trabalho.”

Já o empresário do ArapukaGastrobar, Reinaldo Fernandes, só início o delivery durante a pandemia, mas nos dias atuais já voltou a funcionar normalmente. Mudou somente a restrição de horários. Reinaldo Fernandes conta que como bar, não tinha

o que mudar, e que o delivery foi a melhor opção já tomada. Ele inovou o cardápio criando novos produtos para a empresa, como Kit Gin para montar em casa.

Empresas que se renovaram resolveram seus problemas e dos seus funcionários por manter emprego e renda, igualmente ajudaram o governo porque seu faturamento gera imposto para os governos federal, estadual e municipal e colabora para que o déficit governamental não seja maior.

CUIDADOS

A contadora Laricia Alves, explica que primeiramente é necessário mudar de ramo de atividade no contrato social da empresa, principalmente na cláusula relativa ao objetivo social. Após a modificação, necessitasse comunicar a Junta Comercial e receita federal para que ela processa a averbação da alteração no contrato social, e após isto, sai o CNPJ com a sua alteração.

A advogada, Ana Luisa Junqueira, diz que para a variante precisa alterar o contrato social e incluir alguma atividade que não foi prevista, que provavelmente pode ter alguma repercussão tributária. “É uma simples alteração do contrato social, se era casa noturna ou restaurante o ramo era muito próximo, então não tem grandes repercussões porém dependendo se for uma mudança muito brusca aí tem que ver se na região, endereço, é permitido aquela atividade.” completa Ana. ♦

Luxo imobiliário GARANTE vendas

O METRO quadrado mais caro da cidade está vendendo mais do que nos anos anteriores

Rhauanny Silva

“Nós colocamos o anúncio de um apartamento há duas semanas e já vendemos.” No início do mês de setembro a Imóveis Riviera anunciou um apartamento no valor de dois milhões de reais, a surpresa foi que a venda aconteceu em duas semanas. A crise financeira não atingiu o mercado imobiliário de imóveis de luxo. “Temos vendidos bem, em média seis imóveis por mês e, normalmente vendemos dois ou três”, afirma o proprietário da imobiliária Rodrigues, José Carlos Rodrigues.

Segundo uma pesquisa publicada em 2019 pelo Conselho Regional de Corretores de Imóveis do Estado de São Paulo (CRECISP) o metro quadrado na Riviera de São Lourenço custa em média R\$ 15 mil. O Apaville tem aproximadamente duas mil casas e trezentos prédios, sendo um deles com os apartamentos mais caros da cidade custando em seu valor mínimo do imóvel cinco milhões de reais, o edifício Belvedere é bem localizado e tem a metragem de 551 metros quadrados.

As avaliações ligadas à economia brasileira até começo deste ano projetavam o crescimento da construção e do mercado imobiliário. Tendo em vista as baixas taxas de crédito imobiliário, os ju-

ros baixos e a expectativa na melhora da economia brasileira. Segundo o diretor do SIV (Sistema Integrado de Vendas), do bairro Riviera de São Lourenço, Paulo Velzi este aumento nas vendas pode ter sido causado porque a grande maioria dos proprietários dos imóveis veio passar a quarentena na praia, e com isso percebeu um certo incômodo em seus imóveis e acabaram optando normalmente pela troca para um imóvel maior. “Aqui na Riviera fora da época de temporada tem em média de cinco a sete mil pessoas, contando os proprietários e os zeladores e caseiros, este ano só durante o período de quarentena já foi calculado uma média de 22 mil pessoas residindo aqui”, conta Paulo.

Porém as vendas não estão boas para todos. As imobiliárias da cidade que trabalham com imóveis mais “baratos”, que custam de 100 à 300 mil reais estão com suas vendas paralisadas devido a crise financeira causada pela pandemia que teve impacto maior nas pessoas de média e baixa renda. “As vendas estão paradas, normalmente eu vendo em média dois ou



FOTO: DIVULGAÇÃO



RHAUANNY SILVA

ACIMA, Riviera de São Lourenço onde o metro quadrado é um dos mais caros do litoral paulista.

Ao lado, casa utilizada como modelo de imóvel de luxo para venda

três imóveis por mês, mas esse mês do vendi um”, contou a corretora autônoma, Jane Souza.

Essa paralisação nas vendas destes imóveis mais “baratos” pode ser justificada devido a queda de juros, a economia em níveis baixíssimos e com perspectiva de piora e a queda na renda dos brasileiros que resulta em uma enorme insegurança financeira, que causa o medo de entrar em um financiamento imobiliário e talvez não conseguir pagar as parcelas, pois todas ainda estão em quarentena e muito a comerciantes e funcionários não estão conseguindo alcançar a renda que possuíam antes do advento da pandemia do coronavírus. ♦

Cultura sem GRANA

COM MENOS recursos e pessoas, artistas da Baixada tentam sobreviver

Matheus Fernandes

Seja no teatro, na música, no cinema, ou no Carnaval, a área cultural é dependente de espaço e de interação entre as pessoas. Mas não menos importante, a cultura também necessita de dinheiro. A pandemia do coronavírus apresentou uma perda financeira significativa no setor, que está tentando se reerguer, mas principalmente, aguardando os benefícios da Lei Aldir Blanc de auxílio à cultura, que, apesar de sancionada, ainda não foi posta em prática.

De acordo com o Sistema de Informações e Indicadores em Cultura (SIIC), em 2018 – último ano em que estes dados foram divulgados -, os gastos públicos com a cultura nacional chegaram a R\$ 9,1 bilhões, com movimentação de R\$226 bilhões. Com a paralisação em massa devido a pandemia, este número tende a diminuir. Em pesquisa feita em maio pelo Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Universidade Federal de Minas Gerais (Cedeplar-UFMG), a previsão é que, até o mês de agosto, um prejuízo de R\$11 milhões já foi gerado devido a falta de consumo cultural do brasileiro.

Para amenizar esses danos, a Lei Aldir Blanc, sancionada pelo Presidente da República Jair Bolsonaro em agosto, prevê uma ajuda de custo de R\$600,00, nos moldes do Auxílio Emergencial, para trabalhadores e espaços da área da cultura. Porém quem já recebe o auxílio emergencial original, não poderá receber a ajuda nos moldes da Aldir Blanc.

A Lei Aldir Blanc tem três incisos, divididos em focos deste repasse financeiro. O inciso 1, que é de responsabilidade de cada estado brasileiro, é referente às pessoas que trabalham dentro da área da cultura, como por exemplo cantores e atores. O inciso 2, que é responsabilidade de cada município, é referente aos espaços culturais de cada cidade. E por fim, o inciso 3, que será destinado para editais, linhas de crédito, aquisição de bens e serviços, etc., será responsabilidade tanto dos estados quanto dos municípios. No geral, o repasse será de R\$3 bilhões em todo o Brasil.

O controle dos artistas da cultura em cada município da Baixada Santista foi feito através de um cadastro cultural, feito para quem trabalha no setor, e também para coletivos e grupos voltados para a cultura. Só em Santos, 831 artistas se inscreveram neste cadastro, além de 130 espaços culturais e 43 eventos culturais que são realizados constantemente, de acordo com dados publicados no Diário Oficial do município.

Para o ator Marcelo Wallez, a pandemia apenas escancarou um descaso com o setor cultural que já existia há anos, que vai da precarização de espaços de cultura até a desvalorização de artistas. Mas com a impossibilidade dos artistas de se apresentarem de qualquer forma que fosse, isso dificultou ainda mais a situação de quem quer viver disso. “Hoje eu conheço artistas que es-



ATOR e gestor cultural da Casa3, Marcelo Wallez

DIVULGAÇÃO: VITOR VIEIRA

LEI ALDIR BLANC

Como o dinheiro será distribuído



R\$ 3 bi

é para todo o Brasil

2

R\$ 566 mi

para São Paulo, ou seja, 19% do bolo nacional

3

R\$14 mi

para a BS, ou seja, 0,5% do bolo nacional ou 2,5% do bolo estadual

4

R\$ 2,6 mi

para Santos, ou seja, 0,09% do bolo nacional, 0,5% do bolo estadual ou 19% do bolo regional

Fonte: Secretaria da Cultura de Santos

tão sem dinheiro nenhum e passando fome”, relata.

Como membro da Frente Ampla pela Cultura da Baixada Santista, conselheiro da cadeira de Teatro do Conselho Municipal de Políticas Culturais do Guarujá e gestor cultural da Casa3 – escola de arte no bairro do Santo Antônio -, Wallez incentivou trabalhadores da cultura a se inscreverem no cadastro cultural da cidade, divulgando-o não apenas pela internet, mas também tentando abranger o conhecimento para quem não tem este acesso. Além disso, ele também produz lives nas redes sociais com outros representantes nacionais da cultura para discutir o futuro da área. No Guarujá, 792 artistas e 90 polos culturais se inscreve-

ram no cadastro cultural do município, e \$2 milhões e 31 mil reais repassados do Governo Federal para a cidade. Os dados são da Secretaria de Cultura do Guarujá.

A falta de dinheiro e de mão de obra humana também causou um processo de adaptação entre os artistas, como é o caso do roteirista Edson “Pipoca” Sampaio, que produziu o roteiro para o longa-metragem Raul Soares – O Filme, sobre o navio que servia como uma prisão para opositores do Regime Militar de 1964. Uma perda considerável da equipe durante a pandemia o transformou em produtor e diretor da obra. Além disso, como ele conta, 1/3 do elenco é idoso ou contém doenças respiratórias crônicas, o que diminuiu

a composição dos atores por serem de grupos de riscos da COVID-19. O resto do elenco, como esperado, não poderia gravar devido a periculosidade da situação.

“Nós tivemos que literalmente refazer o roteiro e encaixar a pandemia nele. O roteiro está sendo feito de tal maneira que tem cenas com máscaras e com distanciamento real, com os atores gravando separadamente. Foi o modo que a gente achou de continuar gravando”, diz Sampaio. Este modo de produção, além de adicionar animações dentro do longa, deixou o filme com um custo menor, e com a expectativa de que esteja pronto e seja exibido nos cinemas, caso eles retornem, em 2021. ♦

Empatia é a ordem DO DIA

COM A pandemia, empresas tiveram que se adaptar e se preocupar com o próximo em suas campanhas

Kauã Sousa

A publicidade mudou e a empatia se tornou indispensável no momento das empresas criarem suas campanhas publicitárias. A preocupação com os valores se tornou obrigatório no momento de divulgação das marcas. Comerciais com discursos diferentes e ajuda ao próximo, como comunidades carentes, tornaram-se uma estratégia de grandes agências no momento da criação de propagandas. Durante a quarentena marcas como a Nike, Dove, Havaianas e a Cerveja Itaipava, são exemplos dessas práticas.

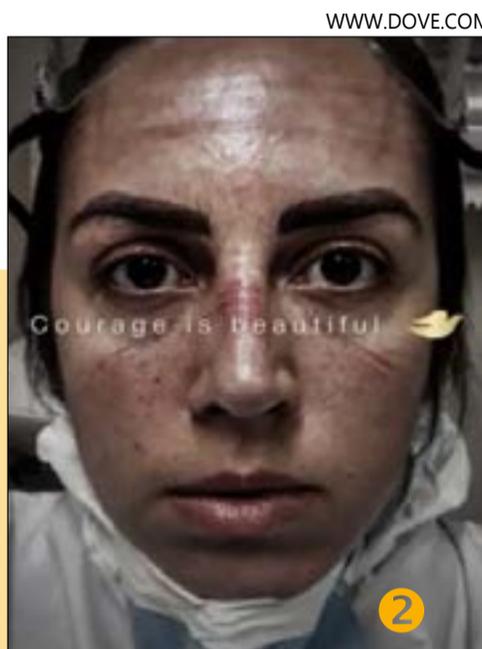
Houve uma mudança por conta da pandemia, e quem não se modificou perdeu o canal e a maneira certa de se comunicar com as pessoas, de acordo com o publicitário Américo Barbosa, PHD em Comunicação e Semiótica. “Mudou porque as pessoas mudaram, a publicidade tem que respeitar o comportamento do consumidor”, diz ele. Entender quem é seu público, o que quer e o que compra é uma missão do publicitário. “Ninguém mais vende nada, são as pessoas que compram. A partir dessa premissa é preciso mudar a sua propaganda e publicidade”, declara com a experiência de 40 anos de atuação como diretor geral de Comunicação Estratégica, nas áreas de comunicação, marketing e endomarketing.

Todas as empresas precisaram se adaptar à nova realidade, seja focando no e-commerce, investindo mais no digital ou mudando o discurso, segundo a responsável por projetos (PMO) de Merchandising do Grupo Globo, Miriam Abreu. “Em meio a essa quarentena nos imposta pelo Covid-19, vimos marcas mudando todo seu planejamento estratégico de 2020”, declara. Ajudar a população de uma forma geral virou algo imprescindível para as empresas. De acordo com Miriam, “como enfrentar esse momento sem estender a mão, sem empatia? É isso que o público espera, e foi isso que muitas marcas fizeram.”

A Nike criou uma campanha que juntou esportistas



WWW.CERVEJAITAIPAVA.COM.BR/



WWW.DOVE.COM

- 1 A Itaipava em seu comercial incentivando o isolamento social dizendo “Dias melhores Verão”
- 2 A Dove usou rostos de profissionais de saúde marcados por equipamentos de proteção, exaltando a beleza da coragem
- 3 A Nike incentivou atletas profissionais e amadores a treinarem em suas casas



B9.COM.BR

amadores e profissionais, para incentivar a prática de exercícios físicos dentro de casa, durante a pandemia, com a frase “Nada pode parar a gente”, reforçando a importância do esporte para a saúde.

Já a Dove usou rostos marcados por equipamentos de proteção usados por profissionais da área de saúde, com a frase “Ter coragem é lindo” para exaltar médicos e enfermeiros, passando a ideia de que nesse momento a real beleza é a coragem.

A Havaianas não ficou atrás, com a frase: “vista a sandália dos outros”, Um claro pedido para que as

pessoas se coloquem no lugar dos outros, porque se tiver ruim para um pode estar para todos.

E a Itaipava que costuma fazer seus comerciais com aglomerações na praia, se adaptou e incentivou o isolamento social. Com a frase “Dias melhores Verão” transmitiu que se todos respeitarem o isolamento, a situação pode voltar ao seu normal, com pessoas nas praias, bebendo a cerveja.

Essa foi a maneira de diferentes marcas comunicarem que não são apenas fabricantes e vendedores de produtos, mas sim, empresas que lidam

com pessoas e querem o bem delas. Essa é a interpretação do coordenador do curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Católica de Santos, Wanderley Camargo. “São marcas reconhecidas pelo público, então elas aproveitam esses valores que conquistaram ao longo dos anos, para comunicar, agregar outros valores mais recentes e oportunos para a marca e o produto dela”.

ATENÇÃO AOS VALORES INDIVIDUAIS

O papel da publicidade durante a pandemia é de relacionamento, de acordo com Américo Barbosa. “As empre-

sas não estão vendendo, mas sim, se relacionando com o seu consumidor”, explica. E acredita que o consumidor está se preocupando com os valores internos, diferente de antes: “O consumidor vai comprar da empresa se o relacionamento levar em conta os valores dele”.

As empresas estão tomando mais cuidados no momento de fazer as suas campanhas, não estimulando aglomerações ou inconseqüências e quem não fez isso se prejudicou muito, na visão de Miriam Abreu. Um exemplo é a marca de Hamburguer Madero, bastante conceituada nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, onde o criador e gestor da marca, Junior Durski, se manifestou questionando o isolamento social e acabou recebendo bastante críticas. “O Criador e gestor da marca errou feio quando questionou o isolamento social. Ele não percebeu que seu público queria ver os empreendedores dando o exemplo. Hoje colhe o frutos das declarações polêmicas”, declara Miriam.

A publicidade já enfrentou crises, transformações e dificuldades no mercado, mas nunca passou por momento como esse que juntou todos esses quesitos conjugados com o medo da saúde, segundo Barbosa. “Todos temos que ter humildade para dizer que não sabemos o que fazer e a partir daí observar e respeitar profundamente o consumidor, para fazer uma comunicação eficaz”, orienta.

Diferente das outras crises enfrentadas por esse setor, onde as empresas criavam um número maior de campanhas, para vender, as circunstâncias atuais está estimulando a publicidade de maneira contrária. De acordo com Barbosa, “se a empresa fizer uma campanha vendadora, não vai conseguir nada. As pessoas mudaram a versão venda. O perfil mudou. Tendo em vista que a propaganda é uma conversa com o público, essa mesma tem que ser amorosa com o consumidor”.

Entender os objetivos dos clientes, perceber se as campanhas estão alinhadas com o que o público-alvo da empresa espera de um negócio, além de investir no digital, são as dicas de Miriam Abreu para os publicitários, no momento de criação de propagandas, nesse novo cenário. “Invista no digital, que cada vez cresce mais e os custos são infinitamente menores”, afirma a PMO da área de Merchandising do Grupo Globo. ♦

Aconteceu.....

VIDAS QUE SE FORMAM



UM DISCURSO para encerrar 2020

Alice Silva Vieira

“Nós nunca poderíamos imaginar viver o último ano da faculdade assim.” Talvez essa frase consiga representar os formandos de 2020 – ano em que foi preciso deixar vontades, sonhos, objetivos, tantas coisas de lado, em prol de um bem maior, a saúde pública. Tarefa difícil protagonizar a própria vida? Mais difícil ainda sair de casa. Tudo mudou de repente. Ninguém teve escolha ao mesmo tempo que escolhemos ser responsáveis. É por isso que um dos momentos mais significativos da vida universitária tem sido em casa: o último ano do curso. Um ritual tradicional foi quebrado, impossível evitar a frustração e a angústia.

Acredito que tristeza é a definição geral do sentimento de estar longe dos amigos e professores. Nosso colega Breno afirma que viver o último ano da faculdade em isolamento social é difícil. “Não estar com os amigos nessa reta final de curso é algo que nunca tinha passado pela minha cabeça”, frase que acaba sendo de todos nós. Afinal, com o decorrer dos dias, a falta das amizades, das relações, do contato, da rotina, aumenta gradativamente.

Em quatro anos de curso, criamos laços e estabelecemos conexões com pessoas que se tornaram importantes em nossas vidas. Discutir por causa de um trabalho em grupo em uma aula, mas rir e se abraçar na outra era rotineiro. A saudade dos amigos também aperta no coração de Maria Eduarda – a Duda, que gostaria de estar vivendo a experiência junto dos colegas de classe.

As nossas emoções ficaram bagunçadas com tantas situações jamais imaginadas. A quarentena somada com a distância da vida universitária mexeu com o lado emocional. Sentimos medo, apreensão, dúvida, decepção, tudo junto! Nossa amiga Larissa passou a fazer terapia online ao se sentir sufocada por ter que conciliar várias responsabilidades ao mesmo tempo e sem poder sair de casa. Sensação compartilhada por Yanka, que teve ansiedade e depressão, precisando tomar remédios controlados para ficar bem no seu dia-a-dia.

Além disso, a não vivência de momentos acadêmicos presencialmente também é capaz de gerar frustração e angústia. A expectativa da colega Mariana para ter semestres de estágio nas áreas escolhidas era alta, mas ficou inviável diante da pandemia. “O Conselho Federal de Psicologia não disponibilizou os atendimentos remotos. Foi uma dor de cabeça viver sem saber o que seria da nossa formação e se teríamos que repetir em 2021 este ano perdido”, revela.

O último ano é o término de um ciclo e faz com que nós, os alunos, nos mobilizemos para fazer algo significativo. Que atire a primeira pedra quem nunca imaginou como seria tal fechamento, como a classe se organizaria, se faria rifas para juntar dinheiro, entre outros planejamentos. A colação era prioridade, pelo simbolismo que envolve. Eu queria participar das escolhas, montar vídeo com fotos, definir paraninfo, patrono e homenageado em meio ao possível caos que votação em sala de aula causa. Quanto a festa, já cheguei a sonhar em fazê-la, mas admito que ficaria feliz



MARIANA Calado Pinheiro, de 21 anos – estudante de Psicologia da Universidade Paulista

YANKA Mey Ventura, de 23 anos – estudante de Medicina Veterinária da Universidade São Judas – Campus Unimonte



MARIA Eduarda Martins Botta, de 21 anos – estudante de Ciências da Computação da Universidade Católica de Santos

BRENO Dantas Santos, de 22 anos – estudante de Engenharia Química da Universidade Santa Cecília



LARISSA de Sousa Ferreira, de 23 anos – estudante de Relações Públicas da Universidade Católica de Santos

com qualquer celebração que reunisse todo mundo.

Larissa é a representante de sua turma, faz parte da comissão da festa de formatura e ficou animada com a ideia de poder decidir os detalhes. “É uma experiência, uma memória, um momento único e após quatro anos dedicados ao curso ansiamos comemorar a conquista depois da caminhada”, conta. Breno também faz parte da comissão de formatura. No seu caso, existem oito áreas do curso de Engenharia e seis representantes para tomar as decisões. Ele acabou entrando por acaso, mas se viu completamente envolvido em todo o processo.

Com a pandemia, o nosso sonho de formandos quase virou um pesadelo e organizar ficou mais difícil. Breno tem se empenhado muito para fazer um baile de formatura inesquecível, apesar de alguns obstáculos. “Conseguir aderindo está mais complicado, tanto por estarmos atravessando uma crise financeira e também pela quantidade de alunos que abandonaram os estudos esse ano”, confessa. Quanto a reuniões, estas já eram feitas no formato online, pois a sede da empresa que Breno e a comissão contrataram fica em Campinas.

A empresa escolhida por Larissa junto dos demais membros garantiu a comemoração para o ano que vem, quando for possível de acordo com as orientações dos órgãos de saúde. Há um desânimo por parte da turma em comemorar a conclusão do curso, já que o momento atual trouxe mudanças de necessidades e até de condições financeiras. Porém, todos estão tentando se manter confiantes e esperançosos. “Eu como membro da comissão mantive o contrato ativo com a empresa e continuo trabalhando nos preparativos, mesmo que remotamente, para aqueles que sonham com a festa de formatura”, revela.

Já Yanka nunca quis participar da formatura nem da festa, mas mudaria de ideia pelos pais. “Faria mais pelos meus familiares, pois acho que gostariam de participar de um início de uma nova jornada”, admite. Mariana não possuía interesse na festa, mas gostaria de participar da colação de grau, assim como Maria Eduarda, que sempre teve esse sonho. “É um momento simbólico onde recebo meu diploma, com a minha família presente, ao lado dos meus colegas, é um marco na vida de qualquer pessoa que passe pela experiência acadêmica”, conta. Além de ser um evento importante para seus pais: os responsáveis pela oportunidade que está tendo de se formar.

FORMATURA À DISTÂNCIA

É um desejo praticamente unânime que os eventos sejam feitos de forma presencial, mas sabemos que o cenário atual pede cautela. Breno e os outros integrantes da comissão têm estudado datas para que tudo possa ser realizado com segurança. Já Larissa revela que sua família anseia pelos dois momentos, colação de grau e festa, e acredita que a Universidade irá reinventar a formatura, visto instituições que fizeram online ou pelo modelo drive-in. “Prefiro que seja feita online do que suspensa, o importante é a solenidade acontecer de modo que todos possam participar e estejam seguros”, confessa.

Do outro lado, Maria Eduarda e Mariana não querem que o único evento em que gostariam de estar, a colação de grau, seja online. Para elas, é melhor realizar um pouco atrasado em 2021 do que fazer via mediação tecnológica – o que concordo plenamente. Para Yanka, a colação não irá acontecer de forma presencial. Ela acredita que a utilização de plataformas como o Google Meet não será algo tão prejudicial para o momento.

Por fim, não dá para esquecer das explicações tão pontuais da querida professora do curso de Psicologia da Universidade Católica de Santos, Fernanda Aguilera. Para ela, cada um de nós experimenta rituais como a formatura de maneira diferente, dependendo do significado que atribuímos. A possibilidade da solenidade ou celebração não ocorrer, ser adiada ou realizada de um novo modo, pode ser decepcionante. Se investirmos altas expectativas, sofreremos mais. “Por se tratar de um marco de finalização e recomeço, pode ficar a impressão de algo inacabado que parece nos impedir de seguir adiante, gerando frustração e angústia. É preciso tentar ressignificar essa experiência”, comenta.

Quem poderia prever que tudo isso aconteceria em 2020? O último ano da faculdade está próximo do fim e não foi como o esperado. Infelizmente não é possível mudar o passado, mas o presente está em nossas mãos para construir um futuro. ♦

Isabela Madeira

Recentemente, o Supremo Tribunal Federal (STF) negou a existência do direito à educação domiciliar. Em contraposto, a Associação Nacional de Educação Domiciliar (ANED) registra 7,5 mil famílias brasileiras praticantes do ensino domiciliar, totalizando em torno de 15 mil crianças. Também conhecida como homeschooling, a prática foi adotada como meta prioritária do governo do presidente Jair Bolsonaro, e com a pandemia, a sua regulamentação se tornou pauta no Congresso.

Segundo o advogado Fabrício Posocco, não existe legislação na Constituição Federal (CF) que vede expressamente a modalidade no Brasil. “Por sua vez, a CF exige fiscalização do Poder Público, inclusive quanto à frequência escolar, sendo que há normas exigindo a matrícula obrigatória no sistema regular de ensino, sob pena de abandono intelectual”, explica. Quem defende a prática no país, argumenta que a CF estabelece dever solidário entre família e Estado ao promover a educação.

O advogado explica que a CF prevê apenas o modelo de ensino público ou privado, de forma que a prática não seja ainda legalizada. “Os pais que se utilizam dessa modalidade de ensino acabam se arriscando às intervenções do Ministério Público e do próprio Conselho Tutelar”, complementa. Em levantamento da ANED, o homeschooling teve um aumento, no Brasil, de 2 mil por cento entre 2011 e 2018.

Em relação à pandemia, a regulamentação desse método de ensino perante à lei se deve a pais que questionam o retorno das aulas presenciais, e não àqueles que buscam o homeschooling como prática fixa. Por conta do ensino à distância, Posocco conta que algumas famílias o procuraram para viabilizar o homeschooling durante esse período. “Vista as dificuldades de um grupo de crianças em assistir aulas transmitidas por vídeo por serem pequenas e estarem no início do processo de alfabetização, a medida foi tomada para afastar qualquer situação que pudesse caracterizar abandono intelectual”, acrescenta. Ele também explica que, por envolverem interesse de menor, essas questões são tratadas em segredo de justiça.

FAMÍLIAS EDUCADORAS

Os representantes da ANED, Adriano e Carolinne da Silva, têm dois filhos em idade escolar (o casal preferiu manter a idade dos filhos anônima), e praticam o homeschooling há três anos. “A ideia

de educar em casa começou dois anos antes de tomarmos a decisão. Estudamos esse gênero de ensino, conhecemos outras famílias, e analisamos a forma de convívio e relacionamento dos filhos”, contam.

“Na educação domiciliar, podemos ensinar em qualquer lugar, e podemos oferecer um ensino personalizado para cada criança”, explicam. Eles não se preocupam com pontos negativos do homeschooling, mas precisam se dedicar de forma integral ao ensino, por isso Carolinne abriu mão de sua vida profissional. Sobre a socialização, contam que os filhos têm contato com os filhos de outras famílias educadoras, realizando uma integração entre eles, por meio de excursões, feiras de ciências e trabalhos em grupo. Com relação a avaliações, realizam provas com os filhos para se familiarizarem com os assuntos. “Há diversas maneiras combinadas de se validar isto, como narração, interpretação, mapas mentais, resumos, ilustrações, apresentações, e experimentos”, finalizam.

A reportagem tentou entrar em contato com mais

Ensino domiciliar é PREJUDICIAL para o Brasil

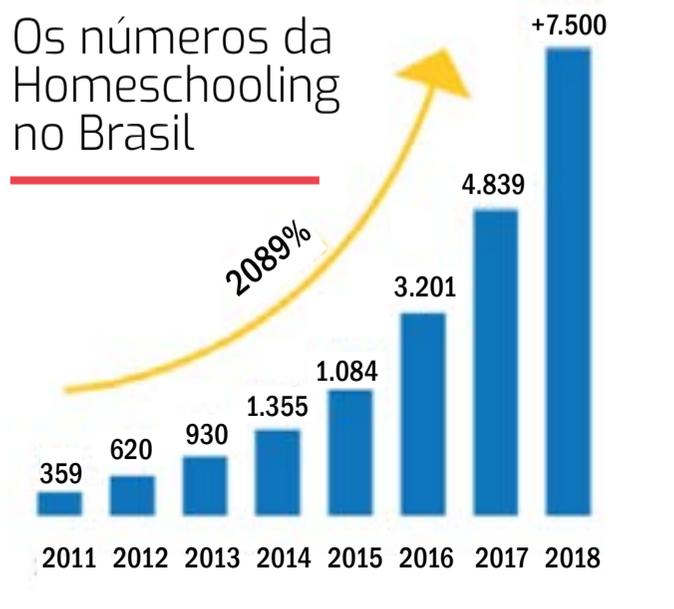
A PRÁTICA não é regulamentada, mas aumentou em 2 mil por cento entre 2011 e 2018

ARQUIVO PESSOAL



PARA O advogado Fabrício Posocco, os pais que se utilizam dessa modalidade de ensino acabam se arriscando às intervenções do Ministério Público

Os números da Homeschooling no Brasil



Fonte: Associação Nacional de Educação Domiciliar (ANED)

famílias que adotam a prática, mas não obteve resposta. As famílias contatadas não aceitaram ceder entrevista.

SOCIEDADE SEM ESCOLAS

A pedagoga Roseane Marques da Graça Lopes conta que o número de famílias que adotam o ensino domiciliar se deve a diversos fatores, como queda na qualidade do ensino público, alto custo de mensalidades em escolas particulares, aumento de violência, bullying, medo do uso de drogas, e outras preocupações morais e religiosas. “As crianças precisam ser efetivamente educadas. A família tem que dispor de estrutura, e tem que se exigir qualificação pessoal dos genitores e avaliar o progresso conquistado”, explica a pedagoga. Segundo ela, apenas uma minoria teria ferramentas necessárias para manter o homeschooling, como a escolaridade e disponibilidade dos pais, e o acesso à tecnologia.

Roseane diz que uma alternativa seria a contratação de professores particulares, mas a ideia também não se mostra efetiva para todos. Ela lembra que a escola pública não atende apenas em nível educacional, mas também provê alimentação, uniforme e material escolar. “Em vista disso, é muito mais lógico o encaminhamento das crianças e jovens à escola. Além disso, o nível educacional dos pais dessa parcela de estudantes não permite que se transformem em professores, e também precisam trabalhar”, esclarece.

Ela também argumenta que, para pais que passam a maior parte do dia longe de casa, a escola traz uma certa segurança, pois sabem que nela seus filhos terão acesso a educação, alimento, e sabem onde as crianças estão durante o horário escolar. “A prática é legalmente permitida em sessenta e três países, sendo que mesmo em países considerados de ‘primeiro mundo’, o percentual de estudantes atendidos não chega a 3%. Mesmo em países desenvolvidos, como Alemanha e Suécia, a educação domiciliar é considerada crime”, revela.

Ela crê que, no Brasil, esse modelo não se sustentaria, já que a escola pública atende mais de 80% dos estudantes, e as habitações da maioria não possuem internet ou computadores. “No estágio cultural em que se encontra a sociedade brasileira e a escolarização no país, considero improvável que se consiga um salto de qualidade implementando uma sociedade sem escolas. Muito mais crianças e jovens ficariam sem educação minimamente suficiente para cumprirem papéis necessários à sustentação da dinâmica social do país”, finaliza. ♦

Mercado de trabalho em

Luiz Eduardo

Nos dias de hoje, para conseguir um emprego, não é apenas necessário atender o perfil desejado da empresa, mas também dominar os meios comunicativos da internet. A quarentena imposta pelo novo coronavírus levou 77% das pequenas e médias empresas brasileiras para o home office. O número foi levantado em um estudo global realizado pelo software Capterra e pelo instituto de estudos Gartner. Essa mudança induz os trabalhadores e desocupados a passarem por uma adaptação, onde a entrevista à distância, o saber lidar com a câmera, faz parte do “novo normal”.

A transformação digital nas empresas é uma realidade que a maioria das companhias estão enfrentando. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, (IBGE), o Brasil contém mais de 12,8 milhões de desempregados no segundo trimestre de 2020. A coordenadora de Atração e Desenvolvimento de Pessoas do Sebrae-SP, Nêusa Maria Gomes Gallego, afirma que nesse sentido, todos aqueles trabalhos que não envolvem uma índole criativa e inovadora estão em processo de extinção.

Entrevista e o trabalho online foram intensificados por conta da pandemia. Para Nêusa, os aspectos importantes que os profissionais necessitam ter hoje são: disponibilidade para aprender, fluência digital, comunicação, pró atividade, organização e autogestão. “Todos estão sendo impulsionados a aprender novas habilidades e, assim, devem estar abertas a esta mudança para continuar tendo oportunidades de trabalho”.

O fator mais importante durante uma entrevista de emprego, principalmente neste período, é a confiança que o entrevistado passa para o selecionador. Além de precisar atender ao perfil desejado, é essencial demonstrar que o interessado na vaga se preparou e deu importância para este momento. “A empresa observa se o candidato está um lugar com boa conexão, se testou o equipamento antes, se está em um local tranquilo, livre de barulhos e distrações, e se cuidou de sua apresentação pessoal. A própria imagem é o cartão de visitas”, afirma a coordenadora.

A operadora de telemarketing, Juliana Santana de Queiroz, de 24 anos, usou o ambiente virtual ao seu favor. Assim que obteve a informação de que teria uma oportunidade de emprego, ela pesquisou na internet dicas para uma apresentação durante uma entrevista de emprego à distância, participando de alguns cursos online. Atualmente, exerce seu trabalho de forma remota e, por não conhecer presencialmente seu chefe, se diz trabalhar mais motivada, com o intuito de alcançar os objetivos da companhia o quanto antes.

Juliana mora em São Paulo, é casada, e tem uma filha de um ano de idade. Além de trabalhar na própria casa podendo ter mais atenção da família, ela aprova a adaptação de seu expediente para o home office. “Eu

TRANSFORMAÇÃO



ESPECIALISTAS
apontam a
necessidade do
estudo sistemático
para o
desenvolvimento
de usuários

posso acordar mais tarde, não preciso me locomover até a empresa, perdendo horas por conta do trânsito. Com isso, tenho mais tempo com minha filha, acredito que fico mais produtiva, por ter um ânimo maior de alcançar minhas metas”.

O aspecto negativo de trabalhar de forma virtual é o contato com os outros colegas da companhia e, também o aumento das despesas na residência. “Apesar de usar o computador da empresa, acredito que poderiam me ajudar com o custo da energia e da internet. Depois que comecei a trabalhar, precisei ampliar meu pacote de internet, pois o antigo não era suficiente”, completa Juliana.

NOVA ROTINA

O procedimento feito antes de iniciar o expediente foi modificado. O ritual de sair mais cedo de casa, por conta do trânsito, passou a ser substituído com o ato de ligar o computador de forma adiantada, pois, antes de um dia de trabalho, precisam ser checadadas atualizações de aplicativos, testar a conexão da internet e isolar-se das tarefas de casa. A especialista em trabalho remoto, Maria Carolina Lagoa, explica passo a passo para um ótimo desempenho no trabalho virtual e, também, a apresentação por vídeo chamada.

Primeiramente, deve ser ativado um despertador ao menos uma hora antes de iniciar o compromisso, para conseguir render melhor o dia. Ligar o computador minutos antes de sua carga horária, ficar isolado de ambientes com ruídos sonoros na casa, testar conexão da internet, se possível, ter dois links de rede na própria residência, tendo uma alternativa caso aconteça algum problema a velocidade da conexão.

No aspecto visual, o entrevistado ou colaborador precisa se apresentar de uma forma que encaixe com o característica da empresa. Estar vestido de forma adequada, organizar o fundo da sua imagem de acordo com o âmbito da companhia. Se atentar em não exagerar com quadros, livros, plantas, discos. Não ficar contra a luz, desta forma acaba dificultando a visibilidade para os outros integrantes, testar áudio e volume do seu fone. “Desta forma, é feito os principais procedimentos, mas a questão da imagem, depende do visual que a própria pessoa quer passar”, diz Maria Carolina.

A companhia têm a responsabilidade de ajudar com equipamentos, entre eles: computador, cadeira ergonômica, e até optar por auxiliar nas despesas com luz e internet. A empresa deve se preocupar com a integridade física, mental e técnica de seu funcionário. Segundo a especialista, o ideal das reuniões de equipe ou debates sobre tarefas, é permanecer de 15 a 25 minutos de duração. Ultrapassando esse limite de tempo, pode afetar no foco da conversa e dos integrantes durante o expediente.

A Pandemia, do novo coronavírus, provocou mudanças no cotidiano de cada um. Não somente no Brasil, mas no mundo. Para Maria Carolina, os recursos humanos precisam capacitar as pessoas de idade avançada, e quem necessita de um treinamento para usufruir melhor a tecnologia. “Neste período, as empresas estão sendo mais maleáveis com crianças brincando dentro de casa, barulhos externos. Não adianta cobrar tudo perfeito, porque é impossível”. ♦



CAROLINA
Matos,
fisio-
tera-
peuta

Ludmila Juvenal

Os impactos gerados na pandemia acabaram por revelar a importância de profissionais em algumas áreas de trabalho. Os dados de contratação no período destacam os motoboy e os fisioterapeutas.

A adesão maciça aos serviços de delivery e similares garantiu a confiança popular, gerou lucros para as empresas como Rappi, Ifood e James, e estimulou a expansão da base de profissionais. A necessidade de as equipes médicas contarem com a presença de fisioterapeutas com experiência hospitalar e respiratória, também gerou novos postos de trabalho, com aumento registrado de 5%, conforme a empresa de recrutamento Catho.

Os profissionais de fisioterapia são essenciais para o manejo dos pacientes críticos com Covid-19, em especial os que necessitam de suporte ventilatório,

PROFISSÕES EM ALTA

PANDEMIA revela a importância de diversas áreas de trabalho

e atuam no retorno dos pacientes com suas atividades do dia a dia, melhorando a qualidade de vida, a recuperação da doença é lenta e precisa de cuidados após alta hospitalar.

Formada em fisioterapia, Carolina Matos Marujeiro conta que tem trabalhado muito, pois a procura está grande por profissionais da área. Atua em dois hospitais, diretamente com pacientes que estão na UTI por conta do Covid-19.

De acordo com Carolina, no começo da pandemia, os pacientes se debilitavam rapidamente e eram internados. Já nesta etapa seguinte, foi preciso mais assistência aos pacientes que recebem alta, pois há o risco de uma reinfecção. Esses pacientes, ela explica, precisam de acompanhamento direto com uma equipe especializada para o restabelecimento de todas as suas funções.

Quando se falava de motoboy, as reclamações eram constantes, demonstrando a desconfiança com esses profissionais. Hoje, no entanto, são considerados salvadores da pátria, pois também estão na linha de frente, se expõem ao perigo para garantir as entregas necessárias aos que ficaram em casa para se proteger.

Alex Souza dos Santos é motoboy há



FOTOS: ARQUIVO PESSOAL

ALEX
Souza dos
Santos,
motoboy

sete anos. Com as ruas tão vazias, agora estão cada vez mais rápidos e com um grande diferencial, a segurança, não tendo a competição diária com motoristas de carros, ônibus e caminhões. As entregas foram mudando com o passar do tempo.

“Antes saía para levar documentos, principalmente a outras cidades da Baixada e acabava ganhando pouco pela quilometragem que andava. Hoje, ganho bem mais para ir levar um bolo na casa dos outros, porque a quantidade é bem maior”, conta.

Muitos profissionais como motoboy ou motorista de aplicativos começaram a exercer a profissão durante a pandemia, quando se depararam com o desemprego e a única solução foi trabalhar através de entregas ou por aplicativos. Já que muitos motoristas tiveram que se afastar por conta da idade e ser de grupo de risco, usavam o trabalho na Uber como complemento de renda e com a pandemia não puderam mais trabalhar. ♦

Leis em CONFLITO

TRABALHADOR perde direito de receber indenização por acidente de percurso

Gabriel Baltieri

Há mais de três anos em vigor, a reforma trabalhista ainda causa polêmica ao interferir em direitos fundamentais do trabalhador. A indenização por acidentes de percurso, aqueles que ocorrem quando o empregado está a caminho de seu serviço, pode ser enquadrada nesta situação. Reconhecida pela lei previdenciária como acidente de trabalho, a situação passou a não ser mais compreendida pela reforma trabalhista.

Segundo o advogado trabalhista, Leandro Furno Petraglia, “o recado que a nova legislação passou foi que empregador não é responsável pelo funcionário durante seu percurso até o trabalho”. Ele afirma que a principal alteração feita pela reforma foi a retirada de remuneração durante trajeto entre residência e a empresa. Medida que afeta

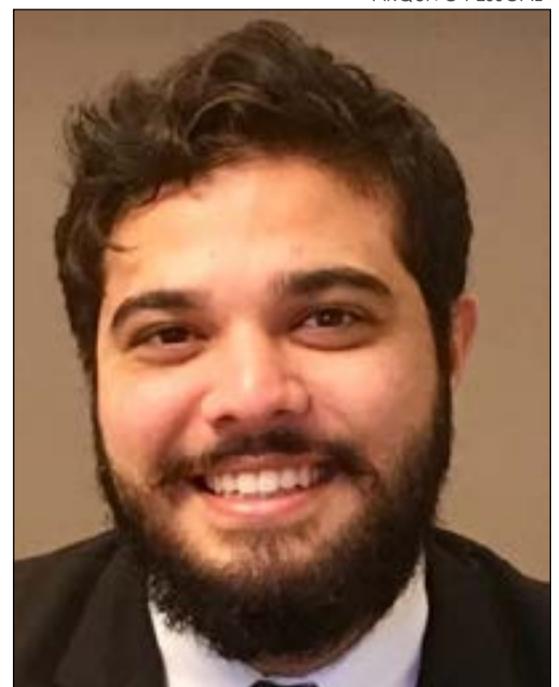
principalmente aqueles que percorrem longas jornadas até seu local de atuação. E destaca que a lei era favorável para que empresas optassem por se mudar para regiões mais próximas de seus funcionários, assim como na redução da jornada de trabalho.

Como consequência direta da reformulação do texto, a interpretação dos acidentes de percurso também foi impactada. Petraglia explica que segundo a lei previdenciária os acidentes de percurso são caracterizados como acidentes de trabalho, mas pela reforma da consolidação das leis do trabalho, (CLT), o direito foi retirado. “Muitos juízes utilizavam a legislação previdenciária para reconhecer acidentes de percurso na justiça do trabalho.”

Apesar de conflitante, o fato é possível devido as duas atuarem de forma independente. O principal motivo do texto previdenciário ainda não sofrer uma reformulação está relacionado a

taxas de alíquota da empresa, isto é, o imposto, que aumenta caso seja constatado que ela apresenta funcionários afastados por auxílio doença. O chamado fator acidente de trabalho (FAT) aumenta a valor recolhido pela folha. “Quem devolve mais trabalhadores acidentados para a Previdência faz com que ela gaste mais dinheiro, logo a empresa deve pagar mais para o equilíbrio de custeio do órgão público”. Atualmente, em casos processuais envolvendo acidente de percurso a decisão cabe ao Juiz, ele deve determinar qual lei será empregada, assim como sua relevância no caso.

O coordenador do Departamento de Saúde e Segurança do Sindicato dos Petroleiros da Baixada Santista, Marcelo Juvenal Vasco, interpreta as alterações feitas pela nova CLT e a reforma da Previdência como prejudiciais para classe trabalhadora. “Um brutal ataque aos direitos trabalhistas e previdenciários,



ARQUIVO PESSOAL

PETRÁLIA fala que os acidentes de percurso são caracterizados como acidentes de trabalho

ao nível de afetar vida do trabalhador”. Ele ressalta que a retirada do direito a indenização por acidentes de percurso retira a proteção do trabalhador. ♦

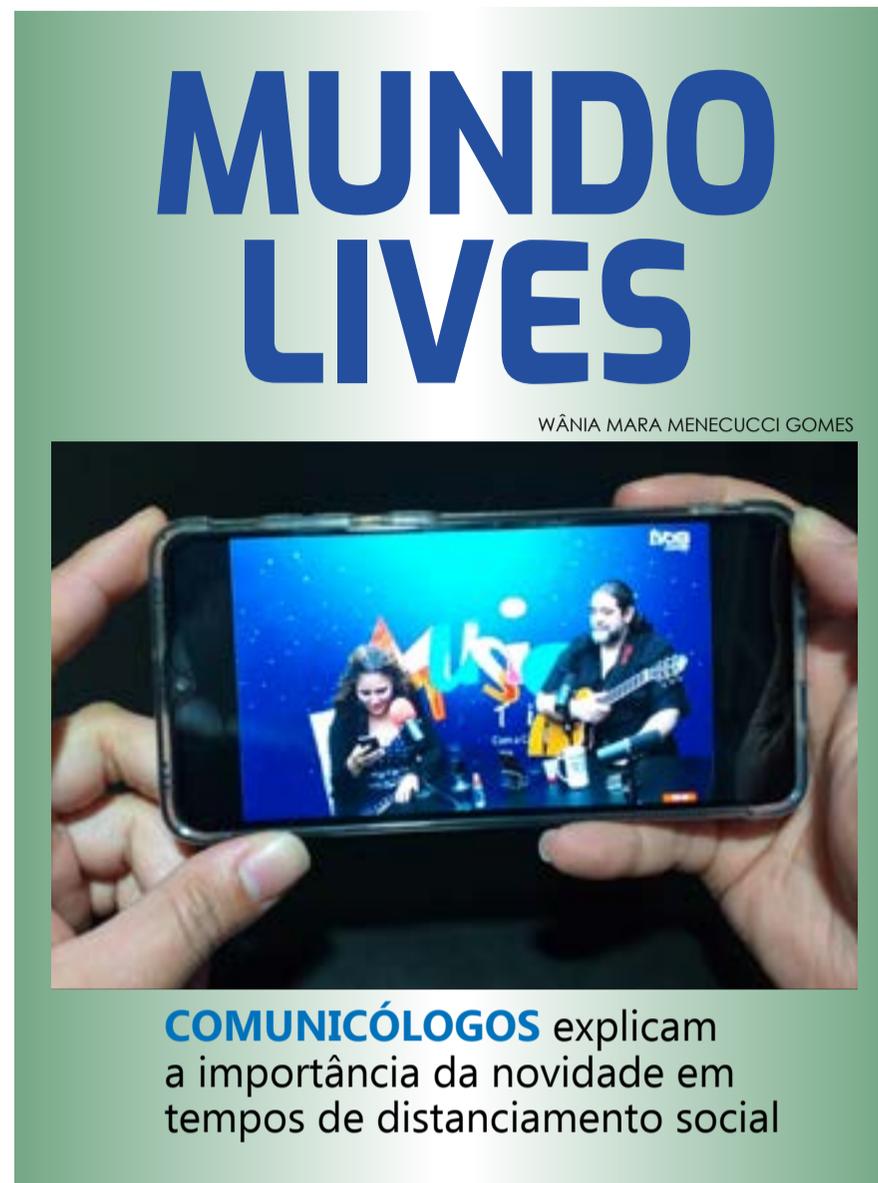
Wânia Mara Menecucci Gomes

Bare e casas noturnas fechadas, shows cancelados. E uma nova tendência de consumo em entretenimento e informação ganhou espaço nas redes: as lives. Interagindo com espectadores, ao vivo, os programas fortaleceram o mercado da comunicação neste período.

Segundo a sócia diretora da agência Fly Comunicação, Gabriela Nebot,, em Santos, houve um aumento significativo na demanda de produção publicitária. Devido empresas da região aderirem aos serviços de delivery, foi necessária a criação de arte e campanhas para fomentar o comércio durante a pandemia. Além disso, relata que devido a ascensão das lives, muitos profissionais da área da comunicação estão se especializando e migrando para esse nicho. “É um tipo de criação diferente. Temos que saber a importância do conteúdo que será abordado, horário que entrará no ar, público alvo, planejamento.”

As lives ganharam maior popularidade durante a pandemia, principalmente por conta das apresentações musicais. Quem garante é o jornalista e professor Robnaldo Fidalgo Salgado, coordenador do Departamento de Assessoria de Imprensa da Universidade Católica de Santos. Para ele, a modalidade que já era utilizada por políticos e artistas que visavam maior alcance e engajamento de seguidores e que esta modalidade tem sido utilizada no mundo corporativo como alternativa no bom relacionamento com seus públicos de interesse. “O recurso, tem grande potencial pela projeção que pode proporcionar ao cidadão, assim como às empresas e demais organizações.”

O sucesso de uma live se faz com um bom planejamento de conteúdo, roteiro, linguagem e ferramentas a serem usadas. Improvisos podem ser uma armadilha, ocasionar a perda do foco inicial. Para ele, as lives permitem novas perspectivas de atuação no mercado da comunicação, de modo que as organizações perceberam a



necessidade de presença nos ambientes virtuais. “A live chegou para ficar e faz parte da cultura digital, assim como existem inúmeros recursos que estão sendo utilizados atualmente.”

Cantora e ritmista há 30 anos, Maria Edith de Paiva Gomes, mais conhecida como Didi Gomes, viu sua carreira mudar desde o início da pandemia, em março. Fazendo shows na região, Didi teve que fechar sua agenda de apresentações presenciais e se adaptar as lives.

Ela conta que suas primeiras participações em lives, foram em prol de casas de assistência social da Baixada Santista e que as próprias ONGs a ajudou com mantimentos. Além disso, recebeu convites para participar de outras lives de artistas da região, além de ser chamada para participar de um programa musical pela emissora de canal 013TV, transmitido em seu canal no Youtube. “Foi muito gratificante, pois sei que a música alegre qualquer fase da vida.”

Bares fechados para MÚSICAS

REDUÇÃO de público e horário limite restringem apresentações ao vivo

Gabriel Ojea

Com a volta da música ao vivo em bares e restaurantes, os músicos puderam incrementar a ambientação dos estabelecimentos após quatro meses de paralisação. Porém, por conta dos protocolos sanitários que estipulam horários e capacidade máxima de pessoas dentro do ambiente, alguns donos das casas ainda abordam a questão com cautela.

É o caso do proprietário do bar Mucha Breja, Renato Oliveira Machado de Melo, que optou por dispensar a música ao vivo para aproveitar o espaço ocupado pelo palco para montar mais mesas,

seguindo os protocolos. “A limitação de público é um problema, porque lá no bar, pra música ser paga, eu preciso das mesas cheias de gente em pé, então não cabe muito com o momento”, explica Melo.

Outro motivo que o proprietário levou em consideração foi por conta do espaço físico do estabelecimento, que segundo ele, é muito retangular. “Quem tá mais profundo mal veria a música direito, então o cliente poderia se recusar a pagar o cover”, argumenta. Melo está aguarda um aumento na capacidade para conseguir “ensaiar uma volta”.

Há casas que optaram por manter a música ao vivo, mas de uma



GLAUCO se apresenta após a reabertura dos bares

forma mais restritiva. No Aquarium Beer, apresentações estão ocorrendo uma vez por semana e apenas de músicos solo (voz e violão), é o que conta Gabriel Curci Ferreira, dono do local. “É uma parceria junto com os músicos, a gente tá fazendo uma portaria, então eles (músicos) sabem que não dá pra ganhar muito, mas a gente tá fazendo a casa

trabalhar um pouco e no nosso caso tá valendo a pena”, afirma Ferreira.

No lado dos músicos, a possibilidade de voltar a se apresentar trouxe um certo alívio para aqueles que dependem da música como forma principal de renda, porém, o segmento sente a dificuldade que é lidar com as limitações e estipulações decorrentes da pandemia do novo coronavírus.

As lives são orçadas de forma individual, de modo que cada produção tem suas particularidades, já que “às vezes usam até quatro câmeras, ou conectam várias pessoas de lugares diferentes, demandando horas de trabalho”, revela o publicitário e diretor de conteúdo audiovisual, Fábio de Souza Capellini. Essas horas são calculadas, tanto para o horário de transmissão, como o de pré-produção e pós-produção. Além de toda estrutura tecnológica para aproveitamento do sinal de internet evitando quaisquer problemas na transmissão.

Sobre o mercado publicitário, Capellini explica que o crescimento neste período dá-se a diversidade das lives em seus segmentos desde musical, informativo e até mesmo rodas de bate-papo e relata que a internet favorece o espaço para veiculação de conteúdos e processos da imagem e audiovisual. Aumentado cada vez mais o número de empresas nessa área e a democratização nos processos de produção fez com que o mercado se aquecesse de forma grande.

Capellini ressalta a importância de estudos para a aprimoração de conteúdos dentro da comunicação audiovisual quer seja gravada e ou numa live. E afirma que essa nova modalidade veio para ficar, visto que este formato mostrou a possibilidade em aproximar as pessoas, com um custo mais baixo que é a produção remota. “A live consegue conectar pessoas de vários lugares do mundo sem que tenha que deslocar uma equipe de gravação e produção.”

Com uma produtora voltada à produções online, ele fala da importância do comunicólogo em entender a responsabilidade ao transmitir conteúdos quer seja através de uma publicação no celular ou através de um programa de televisão. Diante de sua experiência, ele acredita que esse tipo de comunicação irá se fortalecer, principalmente as lives musicais. Pois mostrou aos artistas a possibilidade de aproximação com seu público, mesmo de forma virtual. Além da criação de um nicho de mercado que era desconhecido na publicidade, pois em sua maioria, as lives são patrocinadas por grandes e pequenas marcas oferecendo ao mercado publicitário uma alternativa de exposição de marcas e serviços. ♦

O músico que possui uma carreira de mais de 30 anos na vida noturna de Santos, Glauco Fulco, conta que grupos de até cinco integrantes estão sendo obrigados a reduzir a quantidade de pessoas para se apresentar. “Quem tocava com seis agora tá tocando com três, então tá muito complicado de colocar músicos no palco”, comenta o artista.

O limite do horário também se tornou um obstáculo para alguns, já que as casas podem ficar abertas somente até as 1h. “Muitas casas começavam a tocar 11h e iam até as 3h”, afirma Fulco.

OUTRA ALTERNATIVA

A pandemia fez com que os músicos utilizassem o recurso das lives para continuar se apresentando e até mesmo conseguindo uma renda para garantir o sustento no período de inatividade.

Para Fulco, que realizou lives e vaquinhas de arrecadação enquanto não podia tocar nos bares, essa novidade veio para ficar. As pessoas depositavam couvert artístico através de transferência bancárias. “O povo percebeu a comodidade de consumir a música do conforto de suas casas, então, tem muita gente que até preferiu a live do que sair de casa para ouvir música ao vivo”, ressalta o músico. ♦

INFÂNCIA interrompida

Yasmin Vilar

Muitas vezes dentro da própria casa, crianças e adolescentes passam por uma experiência traumática com aqueles que mais confiam. Silenciado por medo ou descrença de familiares, os abusos sexuais passam a se tornar uma rotina para a vítima e um segredo entre familiares.

Uma criança é abusada sexualmente a cada meia hora no Brasil. Este é o índice divulgado pela Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos, por meio das denúncias realizadas por meio do Disque 100, em 2019. O cenário na Baixada Santista não é muito diferente, de janeiro a julho deste ano, 179 crianças e adolescentes foram vítimas de abuso sexual infantil nos nove municípios da região.

De acordo com os dados divulgados pela Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo (SSP), os números de casos registrados em delegacias policiais já correspondem a 48% dos casos registrados em 2019.

Entretanto, de acordo com a conselheira tutelar de Santos, Leticia Figueiredo, as denúncias feitas à Polícia Civil por meio de boletins de ocorrência representam apenas uma pequena parcela da quantidade real de casos na região devido ao medo da denúncia.

“Algumas pessoas ainda temem muito a denúncia, com medo de serem identificadas ou porque não tem comprovações. É importante que as pessoas saibam que se há suspeita precisa ser comunicado para investigação”, orienta.

Ela explica que ao receberem o caso, os conselheiros tutelares ficam responsáveis por identificar a vítima e realizar uma abordagem, garantindo que a criança ou adolescente não seja vitimizado novamente na situação. Após isso, é dado início a parte de investigação do crime e formalização da denúncia. “Nosso papel como Conselho é efetuar o serviço emergencial como lavar boletim de ocorrência caso a denúncia seja dada como procedente, afastar a criança do possível abusador e colocá-la junto a um familiar protetivo. Depois ela é encaminhada aos serviços de assistência social presentes no município”, esclarece.

ABUSO sexual de menores corresponde a 80% dos casos de estupro na Baixada Santista em 2020



MONTAGEM YASMIN VILAR -
REPRODUÇÃO SITE FLATICON.

“Algumas pessoas ainda temem muito a denúncia, com medo de serem identificadas ou porque não tem comprovações”.

Leticia Figueiredo -
Conselheira Tutelar

Para a delegada titular da Delegacia da Mulher de Santos, Karla Cristina Martins, não há um perfil das pessoas que cometem este tipo de crime, mas frequentemente o abuso



Fonte: Secretaria da Segurança Pública

ocorre dentro da casa da vítima. “Os autores se aproveitam da vulnerabilidade e da relação de confiança estabelecida com a vítima para cometerem os abusos. Temos que considerar

a possibilidade da existência do receio de algumas mães ou responsáveis em denunciarem os casos de abuso sexual em família devido a proteção do companheiro ou parente. Por

isso, orientamos que pessoas próximas a vítima fiquem atentas a quaisquer mudanças de comportamento na criança ou adolescente”, comenta.

Após o recebimento da denúncia, a Polícia Civil inicia o trabalho de investigação, tomando depoimentos dos familiares e da vítima e, se necessário, a encaminha para exames de corpo de delito, profilaxia em hospitais e atendimento psicossocial. O menor também tem direito à medida protetiva de urgência, conforme a Lei 11340/06. Com isso, o abusador é afastado e tem seu contato com a vítima proibido.

REGIÃO

Na Baixada Santista, o município com o maior número de casos no período é Praia Grande com 45 casos registrados nas delegacias do município até julho deste ano. De 2017 a 2019, o número de boletins de ocorrência registrados saltou de 19 para 89 denúncias. Também neste ano, Itanhaém foi a segunda cidade com o maior número de denúncias, totalizando 27 casos, enquanto Guarujá registra 22 denúncias.

Se comparado com o mesmo crime, cometido contra adultos, a situação se torna ainda mais agravante. Dos 224 casos de estupro denunciados até julho, 179 destes foram cometidos contra crianças e adolescentes. A quantia equivale a cerca de 80% do total de vítimas.

Trabalhando na rede pública de São Vicente, a psicóloga Irani Dias explica que a criança e adolescente apresentam sinais após serem vítimas de abuso sexual, mas estes geralmente são associados a outros transtornos ou classificados como uma fase de “rebeldia” sem motivo aparente.

“A criança tem alterações de humor e pode passar a ser mais retraída e até mesmo desenvolver pânico ou uma agressividade repentina e pode até vir a se expressar por meio de desenhos. Já o adolescente pode apresentar os mesmos sintomas, mas também ter uma queda no rendimento escolar e apresentar comportamentos infantilizados. Além disso, os dois tipos de vítima podem apresentar sintomas psicossomáticos como vômitos, dores de cabeça e até mesmo dermatite”, comenta.

Irani ainda esclarece que já na vida adulta, se não acompanhada em um tratamento psicoterapêutico, a vítima pode vir a desenvolver problemas de relacionamento e autoconfiança. “Há uma tendência de a vítima repetir esses padrões, ou seja, ou se envolve em relacionamentos abusivos ou acabam se repetindo esse comportamento dos agressores com outras pessoas”. ♦

Pelo amor de DEUS

MUITAS frases, ditas no Brasil, se tornaram tão

populares que nem se pensa mais nos seus reais significados

Marina Marques

Falas como “pelo amor de Deus” ou “Graças a Deus” são muito comuns no dia a dia dos brasileiros, porém não é por acaso que tais expressões tenham se tornado tão populares, até mesmo para pessoas agnósticas ou ateias, como o fotógrafo Sandro Eduardo Dias Lopes, de 42 anos, que busca evitar tais expressões por não seguir nenhuma religião. Apesar de em algumas vezes falar e nem perceber, “não faz sentido chamar por Deus sendo que eu não acredito, mas a gente acaba sempre se apropriando do que é cultural”, conta o Sandro Dias.

Já para a estudante de Arquitetura e Urbanismo, Beatriz Ferreira da Silva e Silva, de 23 anos, é um pouco diferente, ela sabe que seria uma blasfêmia utilizar o nome de Deus em vão, quando se trata do antigo testamento e do catolicismo, por ser católica desde pequena, mas ainda conta que usa muito, e que faz parte da cultura brasileira, diferente dos estadunidenses, que utilizam o gosh, ao invés do god, para não utilizar o nome de Deus em vão. E ainda finaliza dizendo, “acho que Deus tá muito mais preocupada com quem não alimenta quem tem fome do que com quem tá “usando” o nome dele na linguagem coloquial.” E para Fabiana Pardini Blanco, de 29 anos, o significado acaba sendo outro, “acho que eu uso muito essas expressões porque meu pai sempre diz que é feio ficar falando palavrão”, sem notar, acaba utilizando destas frases, sendo parte da rotina quando expressa os sentimentos.

“Durante todo o século 19, não havia a separação entre o Estado e a igreja no império brasileiro, apenas



FRANCISCO Surian, filósofo e teólogo

com a chegada da República, o que também não quer dizer que a religião perdeu seu espaço”, afirma o doutor em história e cultura social, Cesar Agenor Fernandes da Silva, ao falar sobre o uso de expressões religiosas que se explica pela formação cultural na base cristã do país. O Brasil foi construído com base no catolicismo, desde sua colonização, com a chegada dos europeus, não sendo por acaso o uso das expressões e falas religiosas no dia a dia dos brasileiros, “até mesmo pessoas que possuem religiões que não crêem em santos, utilizam às vezes destas falas, por estarem inseridas nessa cultura e dando outros significados para as frases. Elas não estão evocando Deus ao dizerem ‘pelo amor de Deus’, e sim utilizando uma expressão



ANTONIO Alberto, pároco da Igreja São Judas Tadeu

que faz sentido para nossa sociedade, expressando espanto ou indignação, por exemplo, o significado também pode variar de acordo com o contexto e entoação da fala”, encerra Agenor.

Apesar de um país laico, quando nos referimos ao Brasil, um país onde as pessoas podem escolher suas práticas religiosas e se querem ou não tê-las, ainda sim, o país foi construído a partir do catolicismo, como nossa história, cultura e tradições, assim como afirma o teólogo e filósofo, Francisco Emilio Surian, “os primeiros portugueses que chegam ao Brasil e invadem estas terras, trazem junto a fé católica, sofremos uma colonização política e religiosa”. Ele ainda comenta sobre o atual significado das expressões, “neste caldeirão cultural da

realidade atual, as palavras nos soam esvaziadas de seu sentido original”, ou seja, as palavras hoje usadas já não tem mais o peso religioso de antes, querendo dizer na verdade um “por favor”, porém utilizando nome de Deus para o tornar mais enfático ou desesperado.

Outra coisa que Surian fala, é sobre o respeito que antigas civilizações tinham pelas palavras que hoje já não se tem mais, o respeito ou a verdade naquilo que é dito, “era necessário que a palavra dissesse aquilo que queria dizer”, comenta ele, principalmente quando se trata de rituais e práticas religiosas ou culturais, devendo ser utilizadas as palavras com exatidão, pela crença de que a realização dependiam das palavras usadas. Até mesmo lembrando das fakenews e das deepfakes notícias falsas e imagens manipuladas, respectivamente, sem o respeito com as verdades e a falsidade que nem as imagens escapam com tantas mudanças e inclusão de informações não existentes em tais contextos.

Já o pároco da Paróquia São Judas Tadeu de Santos, padre Antônio Alberto, fala sobre como as pessoas se apegam às falas religiosas e as santidades, “o elemento central no catolicismo popular tradicional e, por sua vez, da vivência popular do catolicismo, é o santo”, o Padre comenta sobre como as imagens religiosas faz com que as pessoas se aproximem mais da religião, já que demonstram nada menos do que outras pessoas como santos, pessoas que também tinham liberdades, vontades e qualidades próprias, “habitam o céu, estando junto de Deus, e por isso, tem poderes sobrenaturais. Mas ao mesmo tempo também estão presentes na terra através de suas imagens. É como se a imagem estivesse viva”. ♦

FOTOS: ARQUIVO PESSOAL

Ódio nas REDES SOCIAIS

NOS ÚLTIMOS anos, demonstrações de intolerância se tornaram recorrentes entre os usuários

Jennifer Pontes

Queixas contra páginas online relatando homofobia, intolerância religiosa, xenofobia, apologia e incitação de crimes a vida, violência ou discriminação a mulheres, neonazismo, maus tratos aos animais, pornografia infantil e tráfico de pessoas são as mais relatadas no País. Segundo indicadores da Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos, somente em 2019 no Brasil, 827 páginas (URLs) foram denunciadas por conteúdos ligados à incitação de ódio e crimes virtuais.

As redes sociais possibilitam relações entre pessoas em escala global. Em 2018, uma pesquisa do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação, CETIC, que realiza análises relacionadas à tecnologia da informação e comunicação no Brasil junto com o IBGE, trouxe uma informação relevante: aproxima-



madamente 80% dos usuários do Facebook o utilizam como fonte principal de informação.

A liberdade de manifestação, no entanto, não é barreira à nocividade dos comentários e à disseminação do discurso de ódio. O Facebook e outras redes sociais de modo geral tornaram-se palco para discussões de qualquer natureza. A

observação é do advogado Mateus Catalani Pirani, presidente da Comissão de Informática Jurídica, Direito Eletrônico e Educação Digital da OAB/Santos.

Os usuários não investem na procura de informações vindas dos meios de comunicação seguros e optam por utilizar essas mídias como forma de busca pela informação mais rá-

FOTOS: ARQUIVO PESSOAL



ACIMA, Matheus Catalani Pirani. Ao lado, Thalita Lacerda

pida. Na opinião de Pirani, esse é um desvio de função das redes sociais. Menciona ainda as fake news como outro problema das redes sociais, que “acabam virando esse circo de ódio que a gente visualiza várias vezes”. Segundo ele, uma opinião contém racismo, homofobia, discurso de ódio ou qualquer tipo de preconceito e carga criminosa não pode ser considerada apenas liberdade de expressão. “Não há menor possibilidade de tolerância para isso”.

As redes sociais são um espaço em que diversos grupos interagem entre si, dentre eles os que disseminam conteúdos com intolerância. Além disso, devido a maior exposi-

ção dos usuários, muitos não enxergam limites no compartilhamento de opiniões. Segundo a doutora em Psicologia Clínica, Thalita Lacerda Nobre, “no campo psicológico, a liberdade de expressão é fundamental para o exercício da democracia do indivíduo, porém, sem o intuito de ferir ou julgar o outro”.

CRIME

Há dois tipos de crimes virtuais, os próprios e os impróprios. O primeiro caso só pode acontecer por meio de uma via digital,

como a propagação de fake News e a invasão de contas de e-mail, por exemplo. O segundo agrupa os crimes definidos no Código Penal, porém praticados em plataformas digitais, como estelionato, golpes de ordem econômica, injúria, calúnia e difamação.

Existem sanções para esses crimes. “Aquele ideia de anonimato e sensação de poder que a internet às vezes passa nesse sentido, está cada vez mais caindo por terra”, assegura o advogado, defendendo a maior rigidez na punição desses crimes virtuais. “Precisa haver uma reforma na legislação, entendendo que os crimes digitais, por terem uma via e alcance facilitados, deveriam ter penalizações facilitadas. As mídias sociais precisam reformular também seus termos de uso para o processamento dos discursos de ódio e fake News.”

ESPORTES

SONHO OLÍMPICO toma forma na Vila Mathias

Irmãos shapers falam sobre a expectativa de verem Ítalo Ferreira competindo uma Olimpíada com sua prancha

Otávio Alonso

Os surfista potiguar Ítalo Ferreira é um dos principais nomes do esporte no Brasil e no mundo. Atual campeão da Liga Mundial de Surfe (WSL), Ítalo é uma das grandes promessas de medalha Olímpica para o Brasil nos jogos de Tóquio (ainda sem data definida). O que pouca gente sabe, é que todas as pranchas utilizadas pelo atleta em sua carreira profissional, foram “shapeadas” em Santos.

“Para os jogos Olímpicos vamos fazer uma prancha com pequenas adaptações com relação à que foi utilizada pelo Ítalo ano passado para competir na WSL, por que as ondas no Japão são um pouco menores” conta Adriano Paulo de Oliveira, o “Teco”. Junto com o seu irmão Sylvio de Oliveira Júnior, o “Tico”, abriu um negócio de família, reconhecido no mundo inteiro.

No mercado desde 1994, a Silver Surf é uma empresa especializada na confecção e venda de pranchas de surf, pranchas de remada e Stand

Up Paddle. Quando os irmãos eram ainda adolescentes, descobriram o amor pelo surfe, e assim passaram a fazer pequenos reparos em suas pranchas e atender aos amigos. Logo viram que tinham talento para o ofício, que foi aos poucos se tornando uma profissão.

Mas foi só em 1999, quando os irmãos se mudaram para a Califórnia que, de fato, aprenderam a “shapear” as próprias pranchas. “A Califórnia é o berço da indústria do surfe”, afirma Teco, contando que voltaram ao Brasil já sabendo que o seu know-how



DIVULGAÇÃO: SILVER SURF

ADRIANO Paulo o “Tico”, à esquerda, ao lado do seu irmão “Teco”

era diferenciado em comparação aos demais fabricantes de pranchas do país.

Em 2008, o técnico de surfe, Luiz Henrique Campos, o “Pinga”, apresentou os irmãos ao atleta Ítalo Ferreira, na época com 14 anos. Estava formado uma parceria que dura até hoje, rendeu muitos títulos, tanto para Ítalo quanto para o

catálogo da Silver Surf, e que também pode fazer do Brasil o primeiro país na história a levar uma medalha de ouro em uma Olimpíada, no próximo ano.

ALÉM DO WSL

O sucesso dos shapers Tico e Teco atraiu outros atletas do surfe. Em 2018, Rodrigo Koxa foi premiado com o “Big Wave Awards”, o “Oscar das ondas grandes”. Em 8 de novembro do ano anterior, utilizando uma prancha criada pelos irmãos, surfou uma onda de 24,4 metros de altura na praia da Nazaré, em Portugal.



ILUSTRAÇÕES: FREEPIK

Cabo de GUERRA

A MEDIDA 984/2020 altera a relação comercial de transmissão televisiva de jogos e gera conflito entre clubes e emissoras

Eduardo Valin

As tradicionais transmissões das partidas de futebol por parte das grandes emissoras televisivas brasileiras ganharam uma forte concorrente: a Medida Provisória 984/2020, que dá autonomia para os clubes mandantes dos jogos decidirem por qual meio transmitir suas partidas. A MP foi assinada pelo presidente Jair Bolsonaro, está em vigor e tem validade por 60 dias, prorrogável por mais outros 60.

Hoje, emissoras só podem transmitir partidas de futebol se tiverem a anuência de mandante e visitante. Na prática, elas precisam comprar ambos os direitos de transmissão. Este assunto foi regrado por meio da Lei Pelé, sancionada há duas décadas.

Mas, com a MP 984 em vigência, essa dinâmica nas transmissões de futebol é alterada. Hoje, com a medida, os clubes têm mais liberdade para negociar o veículo quem vai transmitir seus jogos: canais abertos, fechados ou pay-per-view, isso é o que explica Rafael Cobra, presidente da Comissão de Direito Desportivo da OAB Santos. “Sem que a concordância do visitante seja necessária, clubes poderão vender seus jogos enquanto mandante livremente. Faz mais diferença para o mercado do que se imagina, porque os clubes tornam-se mais autônomos”.

De acordo com Cobra, na prática, os clubes podem vender suas transmissões para qualquer veículo, sem as amarras contratuais longas. Por exemplo: imagine um clássico entre Santos e Corinthians, o time da Vila Belmiro tem contrato com canal de TV Esporte Interativo, já o clube da capital paulista tem vínculo com a Globo. Neste cenário, antes da MP, a partida não poderia ser transmitida para nenhum veículo audiovisual (somente rádio) pois não haveria consenso entre os clubes.

Mas, com a MP em vigor, o mandante da partida pode definir por onde ele irá transmitir o jogo: pelo veículo que tem contrato ou pela transmissão própria, produzida totalmente pelo clube. Cobra explica que o movimento altera a dinâmica das negociações entre clube

e emissoras. “Tudo depende de relação de mercado. Teoricamente, se você aumenta a concorrência e beneficia que está vendendo o produto, no caso, os clubes” conclui.

De olho nessa autonomia e vantagens que a MP traz às agremiações brasileiras, em julho, 16 clubes da Série A do Campeonato Brasileiro fizeram um manifesto em apoio à MP, que ainda será votada pela Câmara Federal. “Apoiamos a MP 984/2020 e pedimos sua conversão em lei” dizia trecho do documento.

Em contato com a reportagem, os presidentes José Carlos Peres, do Santos, e Carlos Alberto Ribeiro, da Portuguesa Santista, os dois principais clubes da Baixada Santista, reiteraram o apoio à aprovação da MP 984. Enquanto aguardam a votação na Câmara Federal, os dirigentes, inclusive, já usam as redes

sociais de seus clubes para adotar uma postura de incentivo à medida, mostrando os pontos positivos da mesma para as agremiações, emissoras e telespectadores. Nas redes oficiais do Santos, é comum ver postagens de apoio à MP antes das partidas.

A RELAÇÃO TORCEDOR E JOGADORES

Além de alterar as partes contratuais e comerciais, esse movimento da MP também pode afetar até mesmo a relação do mercado e marketing do clube com os jogadores. “Quando se fala do uniforme do atleta, por exemplo, trata-se de uma propriedade intelectual e esses direitos também terão de ser renegociados, porque, hoje, os jogadores têm direito a um percentual da renda da partida, e com a MP, ainda se discute se só os jogadores dos times mandantes terão direito ou ambos”, explica Cobra.

No meio publicitário, os reflexos da MP serão as alterações feitas pelas empresas e agências de publicidade nos planos de marketing que envolvem as partidas de futebol, como exposição nos uniformes dos jogadores, nas placas dos estádios. É o que explica Américo Barbosa, diretor de criação da Ego Comunicação.

“A publicidade sempre trabalha a estratégia de colocação das marcas e de seus conceitos para um público que previamente está medido. Quando existia um cronograma, era mais fácil de programar a mídia, agora teremos um pouco mais de trabalho. Juntos às empresas, vamos analisar se determinado jogo será só pela web, pela TV aberta, que linguagem vamos ter que usar com as pesso-

as, qual a forma que as pessoas estão se relacionando com aquele evento”.

A relação do clube com seu torcedor também pode ser afetada. Um exemplo é o Athletico Paranaense, o clube já criou um plano de pay-per-view para sua transmissão própria baseado na MP. O “furação play”, como é chamado o serviço, é gratuito aos sócios do clube, mas custa R\$24,90 para torcedores de outros clubes que queiram assistir às partidas de seus times contra o Athletico. Com a medida, percebe-se um fortalecimento da relação torcedor/clube, ainda mais em época de pandemia, período em que os estádios estão fechados aos torcedores.

Barbosa analisa que esse é justamente o desafio do setor de marketing e publicidade dos clubes e agências em meio à pandemia e as novas regras da MP: estreitar a relação torcedor-clube. “Esses novos tempos de pandemia obrigam o publicitário a levar em conta os valores que as pessoas dão para certas atividades. No futebol, por exemplo, essa relação do torcedor com o clube mudou radicalmente e as pessoas dão outros valores. Há a necessidade de criar um senso de pertencimento, mesmo à distância”.

Barbosa ainda esclarece que a MP afeita diretamente as relações dos clubes contra as empresas e que, nesse movimento, os clubes pequenos devem ficar com pouca força de negociação. A Portuguesa Santista, que atualmente disputa a segunda divisão do Campeonato Paulista, está ciente das complicações e já se movimenta nos bastidores para estruturar o seu setor marketing, é o que afirma o José Augusto do Rosário, diretor de marketing do clube. “Sabemos que teremos que ampliar essa área e

pretendemos conseguir em breve. Hoje, não há mais espaço para amadorismo no futebol”.

Em meio à pandemia, a primeira solução do clube foi adotar o uso dos totens com as fotos dos torcedores nas arquibancadas dos estádios, assim como outros clubes pelo Brasil e no mundo. No caso do Santos, o time da Vila Belmiro também inovou. Em parceria com o Instagram, alvinegro criou o “É gol no reels”, campanha que incentiva os torcedores a reproduzirem as comemorações dos jogadores em suas casas, gravarem e postarem nas redes sociais criando engajamento. De acordo com a assessoria de imprensa do clube, a campanha reforça a conexão entre torcedor e clube na nova realidade do futebol. ♦

“

Esses novos tempos de pandemia obrigam o publicitário a levar em conta os valores que as pessoas dão para certas atividades.”

Américo Barbosa
publicitário

”

Paulo Henrique Yamamura

Jogos Digitais existem desde os anos 70, porém sempre foram considerados um entretenimento para um nicho específico, seja ele crianças, ou os geeks. No entanto, atualmente, com a difusão da internet, assim como a proliferação do uso dos smartphones, cada vez mais pessoas estão tendo acesso aos games, de maneira que eles não podem mais ser considerados um nicho, mas sim uma parte do paradigma social atual, muito semelhante ao futebol.

Alguns dos motivos pelos quais esse entretenimento era considerado um nicho eram o alto custo para comprar algo que era considerado um brinquedo, como, por exemplo, um carro de controle remoto, ou modelos de trem, tendo assim a concorrência com esses artigos mais baratos e já estabelecidos; assim como a disponibilidade de tempo, em que as únicas pessoas que dispunham de tempo livre pra jogar eram crianças, que não possuíam meios de adquirir os vídeo games sem o auxílio de parentes.

O professor de biologia, Luciano Mizaél Dias, afirma que vê muita diferença no que se refere a vídeo games de quando era jovem, com atualmente, elencando que, na sua infância, ter um era “coisa de rico”, e que ainda havia um estigma de que ficar jogando não levava a nada. “Hoje eu tenho aluno que literalmente ganha um salário com jogos, porque há marcas patrocinando. Mas até tirando o ganho monetário, eu acho que dá para crescer muito com os jogos, desde aprender inglês, até trabalhar em grupo. Há um potencial enorme aqui que dá para ser trabalhado”

Sobre aprendizado, ele não poupa comentários “Os jogos educativos são muito chatos! As crianças não se interessam naquilo. Mas se o jogo for feito para divertir, e trazer aprendizado naturalmente, é muito mais fácil do aluno se interessar naquilo mesmo. Tivemos uma atividade em que os alunos produziam um jogo a partir de um modelo chamado rpgmaker. Foi muito legal, porque um dos alunos já fazia tutoriais de como usar a plataforma, e como o tema era mais livre, foi muito legal de ver quais abordagens cada um dava pra diferentes temas. E os próprios alunos também comentaram que se divertiram muito fazendo.”

Ele defende que os jogos não precisam ser só uma forma de se divertir: “Como eu falei, naquela atividade, os alunos tiveram uma resposta muito melhor do que nas atividades padrão; tanto na qualidade dos trabalhos, quanto na interação entre um e outro. Tanto que eu, e alguns outros professores que têm a mesma ideia a respeito fazemos algumas palestras sobre trazer os games para a educação, e como fazer isso sem cair no problema dos jogos educativos. Tem um potencial bom nisso.”

Dias comenta que entre seus colegas de profissão, ele vê uma certa divisão: os mais novos costumam, pelo menos, ser mais receptivos em relação aos games, mas os mais velhos tendem a ser mais fechados nesse sentido. Contudo, ele diz, que muitos dos críticos dos jogos têm algo instalado no celular, como Candy Crush, que são vídeo games. Para Luciano, o problema está na percepção dessas pessoas em relação aos vídeo games.

Embora não tenha muito tempo para jogar, tendo ambas as obrigações da profissão, assim como com sua filha de dois anos, ele comenta que tenta jogar o quanto pode. “É bem apertado. Eu acabo

VIDEO GAME é o novo normal

JOGOS digitais criaram uma nova sociedade, nos últimos 50 anos



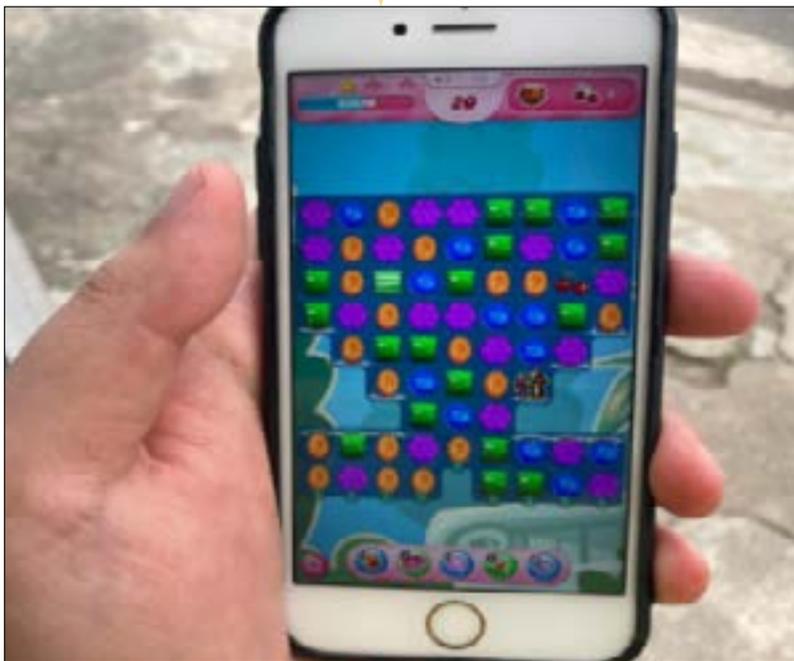
ARQUIVO PESSOLAL



ARQUIVO PESSOLAL

CONHECIDO por fazer cosplay de personagens, o professor Luciano Mizaél Dias em uma montagem que faz referência a Goku de Dragon Ball. Abaixo, Candy Crush é um dos jogos mais populares para smartphones

FOTO: PREPRODUÇÃO



só conseguindo jogar de noite mesmo, quando a minha filha está dormindo. Mas uma coisa muito legal é a conexão que eu crio com os meus alunos: nós jogamos vários jogos pela internet, um na própria casa. Isso eu acho muito legal, que gera uma conexão entre professor e aluno, que acaba transbordando para a aula. Eu já ouvi várias vezes de alunos que eles nem se interessavam muito em biologia, mas se esforçavam mais por minha causa. É muito legal isso.”

Sobre jogos na sociedade, ele percebe que é extremamente disseminado. Ele comenta o Pokémon Go, em que, na época de seu lançamento, pessoas de todas as idades saíam e jogavam juntas, assim como há pessoas que, assim como os esportistas profissionais, ganham a vida jogando seus jogos favoritos.

VIDEO GAME COMPETITIVO

Os E-Sports, como são chamadas as categorias profissionais dos games, tiveram um crescimento exponencial na última década. Com premiações que superam os milhões de dólares, chegando até ao valor de aproximadamente 65 milhões de dólares, é inegável que uma carreira nisso é uma opção válida de carreira. Mas, ser um jogador profissional envolve muito mais do que apenas gostar do jogo, e ter um equipamento bom. É necessário extensivo treinamento e dedicação para ter sequer uma chance.

O estudante de gastronomia Francisco Borgomoni comenta da sua experiência participando do campeonato de League of Legends organizado pela Universidade Católica de Santos: “É sempre muito interessante. Eu competia em esportes tradicionais, como natação, tênis de mesa, futebol. No campeonato de League of Legends que eu participei, é muito diferente competir por um prêmio num jogo de computador, algo que era inimaginável para mim há dez anos, por exemplo.”. Ele comenta que a equipe da qual participou treinou bastante para poder competir em alto nível, o que os uniu mais, sendo um fator que ele julga muito relevante na categoria.

Ele explica que eles não tinham expectativa de vencer, por causa do baixo investimento de tempo e treinamento que tiveram anterior ao torneio. “Não queríamos fazer feio. A equipe que ficou em primeiro lugar tinha uma colocação global muito melhor que a nossa, e eu não posso falar que não mereceram. Mas, nós ficamos em terceiro lugar, perdendo só para eles, o que eu considero uma vitória.”

Espectador assíduo, ele diz que é inspirador assistir o crescimento exponencial da categoria, elencando o CBLol (Campeonato Brasileiro de League of Legends) em que foram colocados em locais em que o campeonato podia ser assistido, iluminações que remetiam ao que acontecia no jogo, mencionando a produção que está sendo feita para promover essas partidas, cujos efeitos podem ser vistos em estádios lotados nos campeonatos da categoria, tanto no Brasil, quanto no mundo.

Por último, Borgomoni menciona o esforço que é necessário para ser um jogador profissional: “Eu jogo regularmente com amigos, e gosto muito do jogo. Mas, competindo mesmo, deu para perceber que é impossível competir nos níveis mais altos sem realmente investir nisso. Os jogadores profissionais treinam por cerca de 12 horas por dia, além de psicólogos, médicos para acompanhar se eles machucarem a mão, essas coisas. É a mesma coisa do futebol: você pode gostar de jogar, mas realmente competir num nível alto precisa de muito esforço e habilidade”

MATEMÁTICA salva vidas

ESTUDOS auxiliam a enfrentar melhor o Covid-19

Thais Prado

A matemática é uma fiel aliada não só na hora de contar o troco do supermercado, mas também em todos os campos da medicina e da pesquisa. E influencia diretamente na saúde coletiva e nas políticas públicas de vacinação, por exemplo.

No enfrentamento ao Coronavírus, os matemáticos e físicos também estão atuando na linha de frente.

Na Escola Politécnica (Poli) da Universidade de São Paulo (USP), o Departamento de Engenharia de Telecomunicações e Controle criou um modelo capaz de mostrar como acontece a propagação do vírus. Os pesquisadores propõem a mudança em um conceituado modelo chamado SIR, publicado nos anos 20, que divide a população em grupos.

O modelo SIR divide uma população em três categorias, chamadas de compartimentos. O dos suscetíveis (S), pessoas

saudáveis, mas que podem contrair a doença, de infectados (I), que são aqueles que contraíram a doença e podem infectar os suscetíveis e, por último, os recuperados (R), que não podem mais ser contaminados.

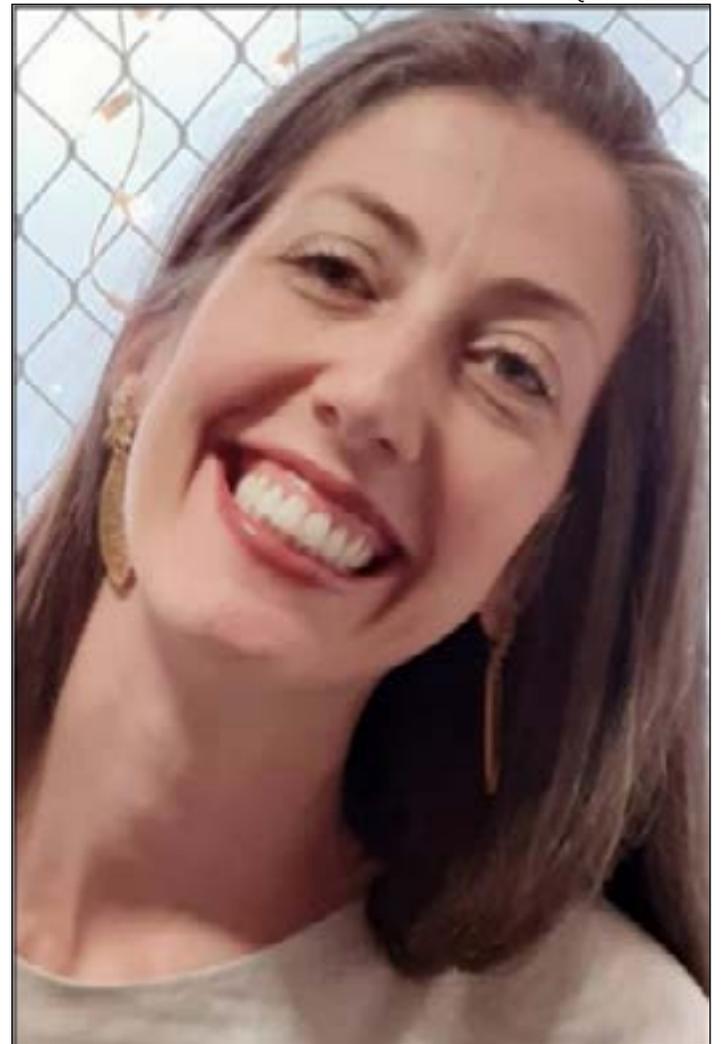
Professora de física e de matemática, a pós-doutoranda Cristiane Batistela e o colega docente, José Roberto Castilho Piqueira, integram o grupo da USP). Utilizam estatísticas que podem reduzir os danos causados pela doença e ajudar na adoção de políticas públicas. "Hoje, o meu objeto de estudo principal é o que chamamos na área da Exatas de temas dinâmicos: sistemas não lineares", explica Christiane. Nessa linha, ela pesquisa o processo de propagação de doença e de rumores em fake News.

Durante os estudos, a pesquisadora acrescentou mais dois compartimentos ao SIR, de imunizados (I2), indivíduos que contraíram a doença e estão imunes, e óbitos (O), que são a classe dos que contraíram a doença e morreram em decorrência da Covid-19.

Ela explica que, com a inclusão, foi feito um novo modelo que permite descrever a propagação da doença na população.

"É uma doença nova então existem muitas hipóteses o que a gente tem vivido tem sido um processo de aprendizagem em todas as áreas devido a novidade da doença, do ponto de vista de modelos matemáticos o que a gente sabe, e simulações matemáticas mostram, é que a reinfeção é uma possibilidade real e o que eu e o meu grupo de pesquisa submetemos sobre foi feito antes do primeiro caso notificado dia 24 de agosto então a gente sabe que a reinfeção é uma possibilidade da covid-19. E que é possível que a imunidade adquirida por indivíduos seja uma imunidade temporária e não permanente".

Nas pesquisas científicas, em laboratório, são usados modelos matemáticos que representam a realidade. No caso do Covid-19, explica Christiane, o modelo matemático prevê a propagação da doença e tem como principal objetivo olhar o



ARQUIVO PESSOAL

CRISTIANE Batistela
desenvolveu sistema
que estuda o Covid-19

comportamento futuro e a partir deste, estão as três estratégias de controle e de contenção da propagação da doença.

Ela alerta que é muito importante a população observar os dados publicados

nos órgãos oficiais, pois as estatísticas na área da saúde são fundamentais para o levantamento dos dados de incidência das doenças. Esses dados estatísticos também têm sido aproveitados de uma outra forma, "para observar padrões de dados estatísticos e a partir desses padrões, mostrar as melhores decisões que devem ser tomadas", assegura a pesquisadora. ♦

O MUNDO PRECISA DE QUEM FAZ A

DIFERENÇA

SOMOS UMA UNIVERSIDADE ÚNICA,
PREPARADA PARA O FUTURO E COM A MISSÃO DE FORMAR PROFISSIONAIS CAPAZES DE CONSTRUIR UM MUNDO MELHOR.

JUNTE-SE A NÓS E FAÇA A DIFERENÇA

VESTIBULAR

unisantos.br/vestibular **21**

PROVA ON-LINE
6 OU 12 DE DEZEMBRO DE 2020

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS

Lagoa de CARA NOVA

Juliana Steil

A Lagoa da Saudade voltará a fazer parte da vida dos moradores do Morro da Nova Cintra a partir do mês de outubro, quando as obras de revitalização do espaço devem ser entregues à população após um vai-e-vem que durou cerca de dois anos. Os moradores recebem as obras com felicidade.

Morador do Morro da Nova Cintra desde que nasceu e dono do Bar Jamaica, que fica em frente à lagoa, Manoel Brandão Correia, de 44 anos, comemora o "update". Ele afirma, ainda, que o local será um bom lugar para "bater fotos". "Agora, com aquela revitalização, o morador não precisa nem descer do morro para encontrar um local bom. Está ficando linda."

O comerciante aponta que, dentre as melhorias, a iluminação é a novidade que mais lhe agrada. "Agora é um local que você pode passear à noite. Era muito escuro, não era nada seguro", diz. Ele relembra momentos da sua infância na região. "É nosso quintal, bendizer. Todos nós íamos para nadar na lagoa, toda vez."

Outra comerciante que também nasceu e cresceu no Morro da Nova Cintra, Rita de Cássia Alves de Oliveira Silva, de 56 anos, celebra a conclusão das obras. "Um benefício a mais para os moradores. Tenho lembranças de quando era eu era pequena", recorda. "Era um jardim, só tinha uma 'beiradinha' de água. Agora é enorme e tem um monte de coisas."

Ela não é a primeira de sua família a nascer e viver no Morro da Nova Cintra, perto da lagoa. Seu pai, [U4] de 84 anos, tem fotos antigas em frente ao local, que não era nada como é hoje.

ENTREGA EM OUTUBRO

Questionada pela reportagem sobre o prazo de entrega das obras de revitalização à população, a Prefeitura de Santos afirmou, por nota, que o prazo está fixado até o começo de outubro deste ano.

A modernização da lagoa entrou em pauta na pasta de obras urbanas do município em 2018. A previsão dos serviços começaram no local foi no mês de junho, com término das obras indicado para dezembro do mesmo ano. No entanto, a prefeitura afirma ter encontrado interferências e as obras foram suspensas antes mesmo de começar. [U5]

PROMETIDA desde 2018, obra no Morro da Nova Cintra será entregue em outubro



DIVULGAÇÃO PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTOS

As interferências, de acordo com a Prefeitura de Santos, foram: uma rede elétrica instalada muito próxima do local onde seriam cravadas as estacas das obras; uma rede da Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp) que deveria ser reposicionada e o desbarrancamento da margem da lagoa durante a cravação da estaca que sustentará o deck.

O projeto foi suspenso devido aos problemas e revisado, sendo alterado o tipo de estaca que seria usado na fundação das obras e também mudança da paisagem. O valor também mudou: do R\$ 1,4 milhão previsto, o valor do orçamento total subiu para R\$ 2 milhões.

Um novo prazo foi dado à população: as obras seriam entregues, desta vez, em dezembro de 2019. Mas não foi

assim que aconteceu. Após ter o prazo prorrogado para janeiro de 2020, as obras que se iniciaram em junho de 2019 sofreram "novas interferências no cronograma físico", de acordo com a prefeitura.

Esta obra, feita pela Secretária de Infraestrutura e Edificações, teve a primeira etapa concluída no início deste ano, de acordo com a administração municipal, com a construção de um amplo deck de concreto ao seu redor, com extensão de 1.600 metros quadrados, além de áreas de gramado e um playground. Também já foram instalados 22 bancos e 10 lixeiras ao redor da lagoa, além de novas placas de sinalização. O local conta com 70 luminárias em LED para poste e grama.

Apesar da prefeitura afirmar que se tratam de

duas etapas distintas da mesma obra, seguindo um cronograma pré-estabelecido, o Tribunal de Contas do Estado (TCE-SP), divulgou uma lista, em fevereiro, com 28 obras paradas ou atrasadas nas cidades da Baixada Santista, que incluía a Lagoa da Saudade entre elas.

Nesta última etapa, um mirante e um palco flutuante serão entregues à população do morro. O mirante com degraus terá cerca de 14 metros de largura e tem previsão de ser concluído em outubro. Já o palco flutuante será voltado a apresentações de pequeno e médio portes, nos moldes das realizadas na Concha Acústica,



FOTOS: ARQUIVO PESSOAL



MANOEL Brandão Correia e sua irmã, Mônica Correia, que nasceram e cresceram no Morro da Nova Cintra



ARQUIVO/JORNAL CIDADE DE SANTOS - NIVAIR NEVES

LAGOA ainda intacta, fotografada em 20 de janeiro de 1979

PROJETO: croqui divulgado pela prefeitura mostra palco flutuante na Lagoa

na orla da praia, e similar a plataformas existentes em outras cidades do Brasil, como Curitiba (Paraná). A montagem já foi iniciada e a cobertura do palco está prevista para até o fim de setembro. Outra balsa menor fará o transporte de equipamentos e pessoas, da margem ao palco.

Os trabalhos atuais envolvem as secretarias de Serviços Públicos (Seserp), Desenvolvimento Urbano (Sedurb), Governo (Segov) e Cultura (Secult), com apoio da iniciativa privada.

PLAYGROUND DO JACARÉ

Além de uma fonte interativa de piso em formato curvo, que deve ser instalada até outubro, o local também receberá um playground temático em forma de jacaré, em alusão ao antigo morador da Lagoa da Saudade.

O projeto foi realizado por um grupo de estudantes de design da Universidade São Judas Tadeu. Inclui diversos brinquedos que, junto ao desenho no chão, vão compor o formato do jacaré.

A cabeça do animal terá um mirante e um escorregador para crianças menores, enquanto o rabo será um escorregador em curva com uma escalada destinada aos maiores. O espaço será formado ainda por brinquedos sensoriais como tubo, trepa-trepa e conjunto de quatro paredes interativas para explorar os sentidos.

Também haverá brinquedos musicais feitos em madeira e metal, como xilofone, reco-reco e um conjunto de cinco tambores de tamanhos diferentes. A base em concreto do playground já foi iniciada e o piso emborrachado e o play serão instalados até o mês de outubro. ♦

FOTOS: ANDRÉ DA SILVA SOUZA



ZONA NOROESTE

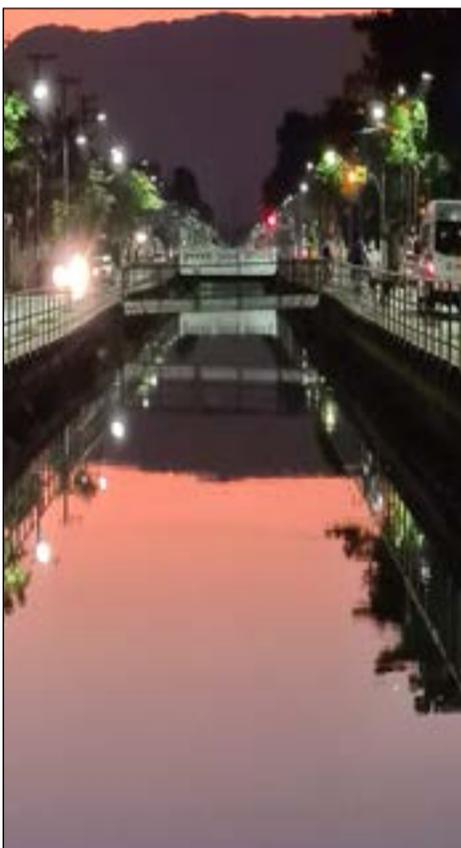
SANTOS não é só praia

André da Silva Souza

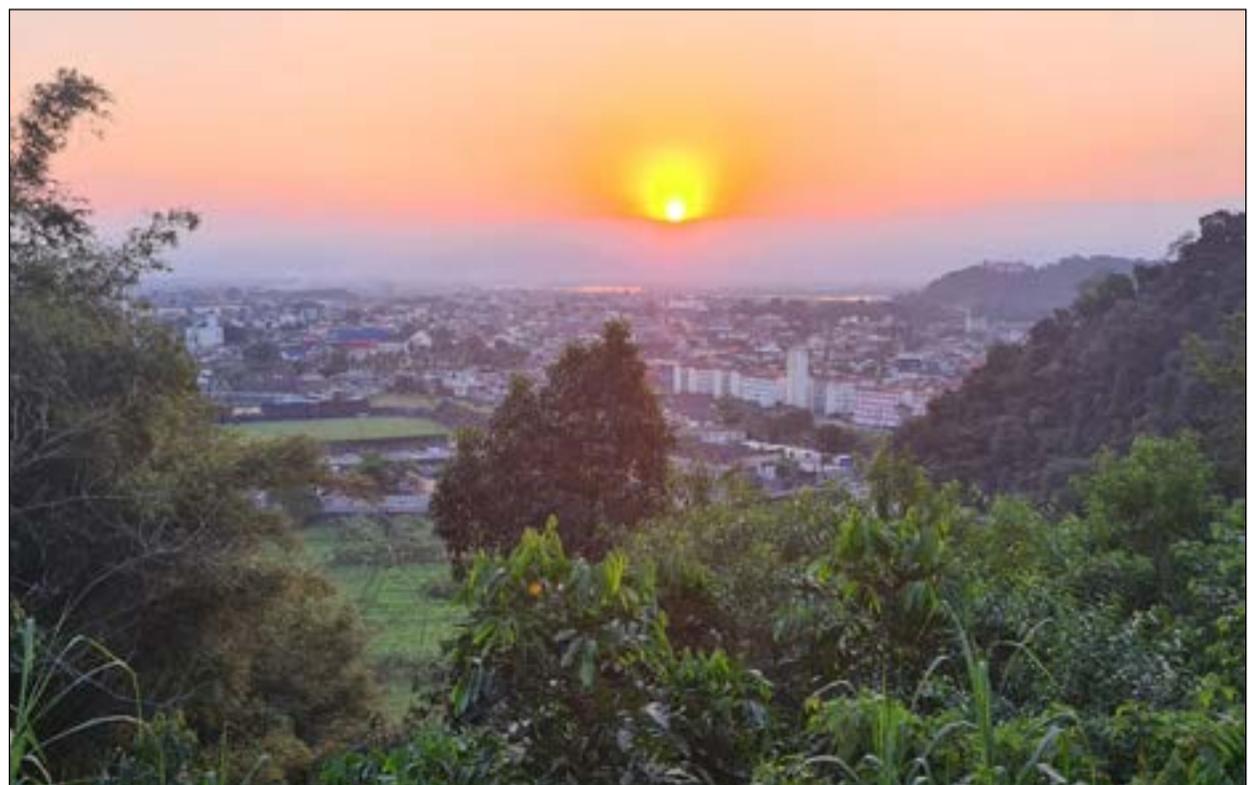
A Zona Noroeste foi criada oficialmente em 26 de julho de 1976, e continua em expansão. São 12 mil metros quadrados de área e cerca de 120 mil habitantes, divididos em 16 bairros. Apesar de sua história e importância sócio-econômica, ainda é desconhecida de moradores e turistas. Neste ensaio, imagens do Jardim Botânico, canal da Av. Jovino de Melo e o entardecer recelam que revelam uma região a ser descoberta.



JARDIM Botânico, a maior área verde de Santos



CANAIS que se somam aos existentes na Orla



PÔR DO SOL, sempre um click para admirar e focar